

Igreja Universal lavou dinheiro da corrupção da gestão de Crivella

HORA DO POVO

ANO XXX - Nº 3.774 16 a 22 de Setembro 2020

★ ★ ★ ★ ★

Saulo Angelo - Estadão



‘Movimentação atípica’ de R\$ 5,9 bilhões fez soar alarme no MP-RJ

Os investigadores descobriram que, entre maio de 2018 e abril de 2019, a Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) movimentou de forma “atípica” R\$ 5,9 bilhões. Os dados estavam no inquérito sobre o “QG” das propinas na Prefeitura. Para o Ministério Público, o prefeito Marcelo Crivella chefiava o QG das propinas e o empresário e lobista Rafael Alves era o operador do esquema. Foram interceptadas pela polícia 1.949 mensagens entre Crivella e Rafael. O prefeito é bispo licenciado da Universal e está no centro das investigações. **Página 3**

1

REAL BRASIL

Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Reprodução Facebook

Em Recife, PP anuncia apoio a João Campos

A executiva municipal do partido Progressistas (PP) em Recife (PE) anunciou o apoio ao deputado federal João Campos, pré-candidato do PSB a prefeito, na quinta-feira (10), pelo deputado federal e presidente estadual do PP, Eduardo da Fonte (PP-PE). Além dos Progressistas e do próprio PSB, já integram a Frente Popular do Recife os partidos MDB, Republicanos, PV, PSD, Avante, PCdoB e PROS. **Pág. 3**

Filha de Jefferson foi ‘fada madrinha’ da bandidagem, diz investigação

Filha do ex-deputado Roberto Jefferson, também condenado por corrupção, e chamada de “fada madrinha” pela juíza Ana Helena Mota Lima Valle, da 26ª Vara Criminal do Rio, a ex-deputada Cristiane Brasil pretendia disputar a Prefeitura do Rio. **Página 3**

Bolsonaro diz que não é problema seu a explosão do preço do arroz

AFP



Além de ter sido recorde na Amazônia, as queimadas nunca foram tão intensas no Pantanal (na foto, MT)

Até imagem que governo usa para negar queimadas é falsa

Reprodução



O mico-leão-dourado nunca existiu na Amazônia

Para dizer que não há incêndios na Amazônia e rebater o ator Leonardo DiCaprio, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, cometeu uma falsidade grosseira ao publicar nas redes sociais um vídeo com o título “A Amazônia não está queimando”. A publicação mostra um mico-leão-dourado em cima de uma árvore, como se fosse a prova de que não há fogo. A espécie - que está ameaçada de extinção - é exclusiva da Mata Atlântica,

não existe na Amazônia nem no Pantanal, onde as queimadas também são recorde. A peça falsa também foi compartilhada pelo vice-presidente, Hamilton Mourão, em sua conta no Twitter. Ele é responsável por comandar ações das Forças Armadas para combate do desmatamento na região. “Você está sentindo cheiro de fumaça? Claro que não! Pois a Amazônia não está queimando novamente”, diz o trecho inicial da narração do vídeo governamental. **Pág. 4**

Jair Bolsonaro anunciou que não é problema dele a disparada no preço dos alimentos. Só o arroz subiu 100% nos últimos 12 meses, além de ter havido altas significativas no feijão, óleo de soja e leite. “Não vamos interferir no mercado de jeito nenhum, não existe canetaço para resolver o problema da economia”, afirmou. A recusa do governo em frear a carestia equivale a um “que se dane a população”. **Pág. 2**

Desemprego recorde é uma tragédia social, afirma Orlando

O deputado federal e candidato à Prefeitura de São Paulo, Orlando Silva (PCdoB), lamentou o desemprego recorde entre os jovens, que chegou a 27%, e atribuiu o fato ao “abandono do Estado sobre a parcela mais vulnerável da população”. Isso é “uma tragédia social, a ruína do país”, afirmou Orlando. **Página 3**

Bolsonaro escala o seu líder para atacar Lava Jato

Ricardo Barros (PP-PR), líder do governo Bolsonaro na Câmara dos Deputados, atacou a Lava Jato na sexta-feira (11). O deputado, que é investigado, se juntou a Augusto Aras e ao Planalto na cruzada bolsonarista pró-corrupção. **Pág. 3**

Artistas pedem a Freixo que volte a cogitar Prefeitura

Está circulando um abaixo-assinado de artistas pedindo que o deputado federal Marcelo Freixo (PSOL-RJ) a ser candidato à Prefeitura do Rio de Janeiro. **Página 3**

Trump escanteia Brasil da presidência do BID com aval de Bolsonaro

O nome do cubano-americano Mauricio Claver-Carone, apoiado pelo Planalto, representa o trumpismo mais retrógrado e obscurantista. Carone esteve à frente do programa América Cresce e é um agente ativo da Casa Branca em sua luta desesperada contra a hegemonia econômica da China.

O episódio do telefonema de Guedes a Steven Mnuchin para falar da eleição revela bem a que nível chegaram as relações entre os Brasil e EUA depois que Bolsonaro chegou ao Planalto.

Em junho Paulo Guedes liga para o secretário do Tesouro americano, Steven Mnuchin, para informar o nome do empresário Rodrigo Xavier, indicado por ele para o cargo. Pelo rodízio tradicional entre países latino-americanos, o Brasil tinha grande chance na disputa.

A resposta do americano foi lacônica. “A questão já está decidida. O indicado será Mauricio Claver-Carone”. Guedes calou-se e, imediatamente, Bolsonaro abriu mão do nome brasileiro e passou a apoiar a indicação de Trump.

“A questão já está decidida. O indicado será Mauricio Claver-Carone”, disse o Secretário do Tesouro dos EUA

Desde que foi fundado, fruto de gestões do presidente Juscelino Kubitschek, em 1959, o presidente do BID, que tem sede em Washington, é um latino-americano.

“O acordo de fundação no BID se deu nesse ambiente de Guerra Fria. O Brasil usou de maneira inteligente sua relação com os EUA e foi uma vitória para a região. Ficou acertado que a sede seria em Washington e o presidente sempre latino-americano”, afirmou Claudio Puty, ex-secretário Internacional do Ministério do Planejamento e professor da Universidade Federal do Pará.

Claudio Puty, que foi representante do Brasil no BID, acredita que a eleição de Claver-Carone, único candidato registrado para a eleição deste sábado, confirma que o Brasil abriu mão de sua liderança. “Desmontamos todas as instituições de articulação regional”, disse ele.

Para o professor, o enfraquecimento da posição brasileira é anterior ao governo Bolsonaro, já que “os governos do PT tampouco apresentaram um candidato brasileiro para ocupar a presidência”. Em sua opinião, o que está ocorrendo agora é um agravamento da situação.

A decisão de Bolsonaro de apoiar o nome de um norte-americano para o cargo rompe uma tradição de 60 anos do BID e consolida o seu alinhamento automático com os Estados Unidos de Donald Trump. Significa também a renúncia por parte do governo brasileiro a qualquer tipo de liderança regional.

A decisão brasileira, além de ser prejudicial ao Brasil, enfraquece ainda mais o seu peso no Mercosul. O reconhecimento por parte dos EUA passou a ser prioritário na política externa do Brasil. Nenhuma articulação com os europeus foi feita pelo Brasil.

“O BID é muito importante como âmbito onde são definidas regras de investimentos para toda a região. Pode ajudar os americanos na disputa com os chineses”, opinou Feliciano de Sá Guimarães, professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de São Paulo (USP).

O Mercosul unido teria conseguido impedir a eleição de Claver-Carone. Um dos temores que existe entre funcionários e autoridades do BID é justamente que a instituição se transforme numa ferramenta de política externa do governo Trump em sua guerra contra a China.

A eleição do BID é neste sábado (12). Os EUA têm 30% dos votos, enquanto o Brasil tem 11%, o segundo maior participante. Para vencer, é preciso alcançar a maioria dos votos e ter 15 dos 26 apoios regionais.

Caso seguisse a habitual rotação com presidentes de países que ainda não presidiram o BID, candidatos do Brasil ou da Argentina seriam os com mais chance de receber apoio significativo na disputa deste ano.

O Brasil pretendia disputar mas foi enquadrado por Trump. O presidente americano, mais uma vez, indicou que seus interesses são muito mais importantes do que qualquer tipo de aliança com outros países.

O mandato do presidente do BID é de cinco anos e, portanto, a linha-dura de Carone permanecerá à frente da instituição mesmo que Trump não seja reeleito em novembro.

Preço do arroz explode e governo declara que não é problema dele



“Canetaço” só para beneficiar Donald Trump em sua campanha à reeleição

Planalto atende Trump e zera imposto de importação para etanol dos Estados Unidos

O presidente Jair Bolsonaro prorrogou a cota de importação de etanol sem tarifas por noventa dias. Serão 187,5 milhões de litros que poderão ser importados por três meses sem a tarifa de 20%. A quantia é proporcional a cota anual de 750 mil litros que venceu em 31 de agosto.

Não há contrapartidas à vantagem que Bolsonaro estende aos Estados Unidos. Os produtores de etanol de milho dos EUA são os maiores beneficiados, que Trump quer agradecer na conquista de votos para sua reeleição.

A pressão de Trump recaiu sem o menor constrangimento sobre alguns produtores nacionais, que pressionados por Bolsonaro aderiram ao ato criminoso. “Se a questão dos noventa dias é uma questão importante para o conforto político do presidente da República e se essa é uma oportunidade para nós podermos negociar com os americanos questões que são importantes para o setor, como ampliação da cota de açúcar, o setor não se opõe a isso”, disse o presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), deputado Alceu Moreira

(MDB/RS).

Essa declaração só confirma o alinhamento do governo Bolsonaro ao governo Donald Trump e o apoio a sua reeleição, em detrimento da economia nacional e dos produtores brasileiros, particularmente do Nordeste, em plena pandemia da Covid-19 e do país em recessão.

A renovação da cota foi oficializada em reunião do Comitê Executivo da Câmara de Comércio Exterior (Camex), do qual participam além do presidente da República, os ministros Ernesto Araújo (Relações Exteriores), Paulo Guedes (Economia) e Tereza Cristina (Agricultura).

A decisão de prorrogar a isenção foi defendida por Ernesto Araújo, despatchante de Trump. Ao setor sucroalcooleiro disse que a iniciativa abriria, após vitória de Trump, um “ótimo acordo” para beneficiar as exportações de açúcar brasileiro.

No início de agosto, Trump ameaçou o Brasil com retaliações, dizendo querer “tarifas justas” e “reciprocidade”. O setor protestou. “Trump diz que não quer tarifas, mas ignora que ela existe desde 1995 e só foi suspensa. Ela

não está sendo imposta. Ele esquece também que o EUA tarifa o açúcar brasileiro em 140%. A visão dele sobre o tema é: faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”, declarou o presidente da Unica, Evandro Gussi, na época, sobre a declaração de Donald Trump de que o Brasil não age com “reciprocidade”. “Não temos culpa, portanto, que os americanos não tenham para onde enviar o etanol que produzem, já que Trump fez a opção pela indústria do petróleo em seu país”, criticou o presidente da entidade.

Sob o governo Bolsonaro, o Brasil tem atendido seguidamente a Washington. No ano passado, por iniciativa de Paulo Guedes, ministro da Economia, a quota de importação sem tarifa foi aumentada de 600 milhões de litros para 750 milhões de litros – mais 20% –, e agora simplesmente querem desovar aqui o estoque para alegria do agronegócio de Iowa e de Trump que está bem atrás nas pesquisas para reeleição. Veja mais: <https://horadopovo.com.br/trump-agride-brasil-com-exigencia-de-aliquota-zero-para-etanol-dos-eua/>

Zerar tarifa de importação do arroz não reduz preço, afirmam produtores

O presidente da Câmara Setorial do Arroz do Ministério da Agricultura, Daire Paiva Coutinho Neto, afirmou nesta quinta-feira (10) que o fato de o governo ter zerado a tarifa de importação de arroz para países de fora do Mercosul “não deve alterar muito os preços para o consumidor final”. Daire Neto é produtor de arroz em Camaquã, município situado no Rio Grande do Sul.

“Não é tão significativa e não trará diferença muito grande ao preço do arroz para o consumidor final”, disse Coutinho Neto ao Estadão. “A safra norte-americana está atrasada e o arroz da Ásia não vai chegar aqui mais barato do que o nosso, já que os preços externos também estão altos”, avaliou Coutinho Neto, que defende a criação de políticas públicas para reduzir o custo da lavoura de arroz, que é 100% irrigada no Sul do País, além de ampliar linhas de crédito e mudar a tributação da cultura. “Tínhamos, na década de 1990, 90% das lavouras de arroz financiadas com crédito oficial [a juros subsidiados]. Hoje esse percentual não chega a 25%”.

Na quarta-feira (9), a Câmara de Comércio Exterior (Camex), órgão ligado ao Ministério da Economia, anunciou que zerou a alíquota, que antes era de 12%, do imposto de importação para o arroz até 31 de dezembro deste ano.

A isenção abrange uma cota de 400 mil toneladas e valerá para arroz com casca não parboilizado arroz semibranqueado ou branqueado, não parboilizado. As primei-

ras cargas de arroz já estão confirmadas por empresas brasileiras nos Estados Unidos e na Índia.

O arroz está mais caro em função principalmente do dólar alto e do preço alto do grão no mercado internacional, que estimulou exportações generalizadas do produto para outros países, como a China. Com o dólar, o arroz importado também ficará mais caro.

Com um política que favorece exportações em detrimento do mercado interno e sem estoque reguladores, os preços dos alimentos dispararam, sendo o do arroz a maior expressão disso. Mas, o feijão, dependendo do tipo, subiu mais de 30% no ano, o leite longa vida ficou 30% mais caro e o preço do óleo de soja também disparou nos supermercados.

Nesta semana, as famílias brasileiras que buscam um pacote de cinco quilos de arroz em supermercados encontraram o produto por R\$ 23 a R\$ 44, em diversas localidades do país. Tempos atrás, este produto poderia ser encontrado ao custo de R\$ 13 a R\$ 15.

Segundo Coutinho Neto, a Câmara Setorial do Arroz já havia decidido, na semana passada, por 16 votos a 6, contra a redução da tarifa de importação, por considerar que a medida não seria eficaz para baixar o preço do grão hoje. “Além disso, há o receio de que essa medida interfira nos preços do arroz para a próxima safra, que começa a ser plantada neste mês”.

O empresário destacou

que, por falta de estímulos do governo, que ajudem a diminuir os custos da safra, os produtores brasileiros têm optado por diminuir a cultura do arroz para dar espaço à soja, que é um produto mais valorizado no mercado internacional. “Por pelo menos dez anos o produtor vem sofrendo prejuízos significativos; nas últimas cinco safras os preços recebidos vieram abaixo dos custos”. “Isso fez, naturalmente, com que muitos se sentissem desestimulados a continuar com o arroz e partissem para a soja, que remunera mais”.

Neto comenta ainda que, em Camaquã, pelo menos 20% da área de arroz foi convertida para soja nos últimos anos, saindo de 40 mil hectares para cerca de 30 mil hectares atualmente. Ele avalia que para a próxima safra, 2020/21, a área reservada para a cultura do arroz deve ser mantida, em função dos altos preços pagos atualmente pela saca, que giram em torno de R\$ 110 para o produtor (em igual período do ano passado, a saca era comprada ao custo de R\$ 50).

Segundo Coutinho Neto, o produtor de arroz não está se beneficiando, diretamente, com a alta dos preços do grão. “A maior parte do cereal disponível hoje já está na mão da indústria, que pagou lá atrás para o rizicultor o valor de R\$ 50 por saca”. “O produtor sempre tem de antecipar vendas para adquirir insumos e vendeu pelos R\$ 50 a saca, ou seja, ficou no prejuízo porque este preço não cobriu custos de produção”.

“Não vamos interferir no mercado de jeito nenhum, não existe canetaço para resolver o problema da economia”, afirmou Bolsonaro

Jair Bolsonaro anunciou que não é problema dele a disparada, de quase 20%, nos preços do arroz neste ano. Se o povo vai ter mais dificuldades para colocar o arroz na mesa de sua família, na opinião de Bolsonaro, não é um problema que deva preocupar o presidente da República.

“Não vamos interferir no mercado de jeito nenhum, não existe canetaço para resolver o problema da economia”, afirmou. Ou seja, o que Bolsonaro disse textualmente, em sua live, realizada na noite desta quinta-feira (10), é, simplesmente, “que se dane a população”.

E o mais grave. Ele repetiu o absurdo que disse também o vice-presidente, Hamilton Mourão, sobre o problema. De que a culpa pela alta dos preços foi do excesso de consumo do produto pela população. O povo, segundo Mourão, teria causado o problema por ter usado a ajuda emergencial para comer. Quem mandou comprar muito arroz?, indagaram.

Literalmente o que eles disseram foi que a culpa do problema da explosão de preços é do povo.

O que as duas autoridades estão fazendo na verdade é uma tremenda vista grossa para a forte especulação que está ocorrendo com o produto desde o início do ano.

Aliás, não só com o arroz, mas, inclusive, com feijão, carne, etc. Os produtores estão ganhando muito mais dinheiro exportando o arroz e outros produtos, por causa da desvalorização do real frente ao dólar. Com isso, os produtos estão em falta no mercado interno e os especuladores estão se aproveitando da situação para aumentar ainda mais os seus preços.

Qualquer governo com um mínimo de seriedade sabe que tem que haver controle sobre o abastecimento do país em situações como esta. Todos os órgãos de controle, como a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), por exemplo, vêm sendo desmontados pela dupla Bolsonaro e Guedes. Eles não querem nenhum controle sobre nada.

ao citar que o Brasil já teve experiência com essa prática de tabelamento.

Como se este aumento de 20%, isto é, muito acima da inflação, que está na casa dos 2% a 3 %, já não fosse uma desgraça para o orçamento popular.

No Brasil, as únicas coisas que são tabeladas com rigor, e que não podem subir de jeito nenhum, é o salário mínimo e a aposentadoria. O Brasil tem um dos menores salários mínimos do mundo. Até o Paraguai, um pequeno país vizinho, tem um salário mínimo maior do que o brasileiro. O governo intervém sistematicamente nos salários, como acabou de fazer, reduzindo o salário mínimo para 2021. Mas quando se fala em intervir sobre preços exorbitantes é um “Deus-nos-acuda”.

Bolsonaro fez, na quinta-feira (10), uma transmissão ao vivo em suas redes sociais, afirmando que tinha dado aval para o ministro da Justiça, André Mendonça, notificar os supermercados sobre a alta no preço do arroz. Na mesma hora o Ministério da Economia deu um puxão de orelhas nele e no ministério e desautorizou qualquer cobrança aos supermercados.

Antes, Bolsonaro tinha pedido aos donos de supermercados que reduzissem suas margens de lucro “por patriotismo”. Mudou o discurso e passou a negar qualquer interferência nos preços.

Os supermercados não só não aceitaram reduzir margem nenhuma como, com o apoio dado por Guedes, tiveram espaço para defender que o povo pare de comer arroz.

“Eu não sei responder. Pode ser que seja mais rápido. Tem um lado psicológico que pode ser que afete aí, o fato de consumir mais macarrão já faça uma regulamentação do preço. O que precisa, sim, é entrar mais produto. Ter mais oferta do arroz no mercado para resolver esse problema”, disse o presidente da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), João Sanzovo Neto, ao falar sobre a especulação com o produto.

Bolsonaro, que já havia pressionado os produtores brasileiros a aceitar uma redução das tarifas de importação de etanol norte-americano, numa ajuda na campanha eleitoral de Donald Trump, que está atrás nas pesquisas, viu a grande oportunidade de dar mais uma forcinha para o seu guru do norte, e reduziu também as tarifas de importação do arroz norte-americano.

Ou seja, o país exporta o arroz que produz e importa o arroz dos Estados Unidos. Todo esse malabarismo para não fazer o óbvio, que é regular o mercado consumidor brasileiro. Tudo para beneficiar Donald Trump.

Até mesmo o presidente da Câmara Setorial do Arroz do Ministério da Agricultura, Daire Paiva Coutinho Neto, criticou as decisões do presidente. Ele disse nesta quinta-feira (10) que “o governo ter zerado a tarifa de importação de arroz para países de fora do Mercosul não deve alterar muito os preços para o consumidor final.”

“A safra norte-americana está atrasada e o arroz da Ásia não vai chegar aqui mais barato do que o nosso, já que os preços externos também estão altos”, explicou.

Escreva para o HP

horadopovo@horadopovo.com.br

HORA DO POVO

é uma publicação do Instituto Nacional de Comunicação 24 de agosto

Rua José Getúlio, 67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP

E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.RJ 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBSCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hpri@oi.com.br
Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.df@ig.com.br
Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506 Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br
Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 - E-mail: horadopovobahia@oi.com.br
Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br
Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa, 140 Curio-Utinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823

Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande, Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Deputada, relatora da CPMI das Fake News

Lídice avalia que errou ao votar no projeto que perdoa dívida de igrejas

A deputada federal Lídice da Mata (PSB), em entrevista na quinta-feira (10) à Rádio Metrôpole se disse arrependida pelo voto a favor do projeto de lei que poderá anular quase R\$ 1 bilhão em dívidas tributárias de igrejas acumuladas após fiscalizações e multas aplicadas pela Receita Federal.

“Dormimos no ponto. Não percebemos bem o que era. Ficamos sem ideia do montante do impacto. Me arrependo do voto”, afirmou a deputada.

Apesar da reavaliação da parlamentar, o projeto foi aprovado na Câmara dos Deputados. Bolsonaro tinha até sexta-feira (11) para sancionar ou vetar o projeto aprovado. Neste fim de semana, Jair Bolsonaro decidiu vetar o PL.

Divulgação - Rodolfo Loeper



João entre Lula da Fonte, deputado Eduardo da Fonte, e Eriberto Medeiros PP anuncia apoio ao deputado federal João Campos no Recife

A executiva municipal do partido Progressistas (PP) em Recife (PE) anunciou o apoio ao deputado federal João Campos, pré-candidato do PSB a prefeito.

O apoio foi anunciado na quinta-feira (10) pelo deputado federal e presidente estadual do PP, Eduardo da Fonte (PP-PE), em encontro com João Campos na sede do partido.

“Tenho certeza que estamos no rumo certo para que a gente possa dar continuidade à grande gestão do prefeito Geraldo Julio. Para que a gente possa também, com muita responsabilidade, inovar com novas ações, buscando também mais conquistas para a população da cidade do Recife”, afirmou Eduardo da Fonte.

O presidente da Assembleia Legislativa de Pernambuco (Alepe), Eriberto Medeiros, afirmou que todo o seu partido estará mobilizado para ajudar a Frente Popular a vencer mais uma luta em favor do povo recifense. “Estamos todos engajados nesse desafio, estaremos nas ruas, firmes e fortes com você. Sucesso!”, assegurou.

“Juntamente com todos os membros da Executiva Municipal do Partido Progressistas

no Recife, declaramos apoio ao nosso amigo João Campos como pré-candidato a prefeito. Estiveram presentes, o presidente do PP no Recife, Lula da Fonte, o presidente da ALEPE (Assembleia Legislativa de Pernambuco), Eriberto Medeiros, e os deputados, vereadores e todos os pré-candidatos do nosso partido”, escreveu Eduardo da Fonte nas redes sociais.

João Campos agradeceu o apoio do PP.

“Os Progressistas chegaram para somar à #FrentePopularDoRecife. Estamos construindo uma frente forte, representativa e que vai trabalhar muito para avançarmos nas transformações que o Recife vem experimentando nos últimos anos. Muito foi feito, mas ainda há muito mais por fazer na nossa cidade. Tenho certeza de que os Progressistas e suas lideranças, a exemplo do amigos Eduardo da Fonte e Eriberto Medeiros, darão uma contribuição muito importante nesse processo. Vamos juntos! #Recife #política”, disse João Campos.

Além dos Progressistas e do próprio PSB, já integram a Frente Popular do Recife os partidos MDB, Republicanos, PV, PSD, Avante, PCoB e PROS.

Abaixo-assinado de artistas pede que Freixo se candidate

Está circulando um grande abaixo-assinado de artistas pedindo que o deputado federal Marcelo Freixo (PSOL-RJ) reconsidere sua decisão, anunciada meses atrás, de desistir da candidatura à prefeitura do Rio de Janeiro.

O documento já tem as assinaturas, entre outros, de Caetano Veloso, Malu Mader, João Vicente de Castro, Marina Lima, Aline Moraes. Segundo Lauro Jardim, colunista de O Globo, o parlamentar já admite ser candidato.

Marcelo Freixo desistiu da sua candidatura em maio por dificuldade de consolidação de uma frente ampla de oposição. Além disso, outros partidos, como PSB, PCoB e PDT, não chegaram a fechar acordo por uma candidatura única tendo Freixo como cabeça da chapa.

Na época, Marcelo Freixo chegou a declarar

que abriu mão de sua candidatura à Prefeitura do Rio para “chamar todos aqueles setores, para além da esquerda, que estão comprometidos com a democracia”.

“Projetos pessoais não podem estar à frente dos projetos coletivos de defesa da democracia”, frisou.

Desistir de sua candidatura foi “um gesto para criar um alerta e chamar para uma força política para se relacionar de uma maneira que não conseguiu até agora”, “para ver se a gente consegue unificar um campo de ação em defesa da democracia e que possa derrotar os fascistas”.

“Se nós continuarmos tendo os projetos individuais, os projetos partidários segregando o campo democrático, o fascismo vai ou estabelecer um golpe de estado ou ganhar a eleição de 2022”, alertou.

MP: Igreja Universal foi usada por Crivella para lavar dinheiro



Prefeito Marcelo Crivella está no centro das investigações sobre corrupção Governo veta calote das dívidas das igrejas, mas prega derrubada do veto

Bolsonaro faz campanha para que o Congresso derrube o seu próprio veto

Jair Bolsonaro vetou, parcialmente, o PL 1581/2020, que perdoa dívidas tributárias de igrejas no valor de quase R\$ 1 bilhão.

Uma emenda do deputado federal David Soares (DEM-SP), filho do missionário R. R. Soares, fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus, foi inserida no PL tirando as igrejas do grupo que paga a CSLL (Contribuição Social sobre o Lucro Líquido) e “passam a ser nulas as autuações feitas” contra elas.

A lei deve ser publicada na edição desta segunda-feira (14) do “Diário Oficial da União”.

O projeto premiava as igrejas com:

1) *isenção do pagamento da Contribuição Social sobre o Lucro Líquido (CSLL).*

2) *anistia das multas recebidas por não pagar a CSLL.*

3) *anistia das multas por não pagamento da contribuição previdenciária.*

Bolsonaro manteve apenas o item 3 desses pontos. Ele vetou os outros dois porque, segundo o governo, a sanção poderia ferir regras orçamentárias constitucionais.

No texto divulgado na noite do domingo (13), o governo afirma que Bolsonaro “se mostra favorável à não tributação de tempos de qualquer religião”.

Porém, segundo a Secretaria-Geral da Presidência, o projeto teria “obstáculo jurídico incontornável, podendo a eventual sanção implicar em crime de responsabilidade do Presidente da República”.

Ao mesmo tempo, em uma rede social, Bolsonaro diz que vetou, mas quer

Bolsonaro escala o seu líder, Ricardo Barros, para atacar Operação Lava Jato

Ricardo Barros (PP-PR), líder do governo Bolsonaro na Câmara dos Deputados, atacou a Lava Jato na sexta-feira (11), em entrevista ao site Uol.

O deputado, que já serviu a FHC, a Lula e à Dilma, que foi ministro de Temer e agora é substituto do deputado Major Vitor Hugo, do (PSL), na liderança de Bolsonaro na Câmara, disse que a força-tarefa da Lava Jato não respeitou as leis. Acrescentou também que ela praticou ativismo judiciário e teria agido para tirar Lula da eleição.

Ricardo Barros não gostou das investigações da

que o Congresso derrube seu próprio veto.

Ele alegou que, ao contrário dele, os parlamentares não teriam que se preocupar com as implicações jurídicas e orçamentárias de seus votos.

“Por força do art. 113 do ADCT, do art. 116 da Lei de Diretrizes Orçamentárias e também da Responsabilidade Fiscal sou obrigado a vetar dispositivo que isentava as Igrejas da contribuição sobre o Lucro Líquido (CSLL), tudo para que eu evite um quase certo processo de impeachment”, diz Bolsonaro na postagem.

“Confesso, caso fosse Deputado ou Senador, por ocasião da análise do veto que deve ocorrer até outubro, votaria pela derrubada do mesmo”, prossegue.

“O Art 53 da CF/88 diz que ‘os Deputados e Senadores são invioláveis, civil e penalmente, por quaisquer de suas opiniões, palavras e votos’. Não existe na CF/88 essa inviolabilidade para o Presidente da República no caso de ‘sanções e vetos’”, continua Bolsonaro.

E ele anunciou na postagem que deverá encaminhar ao Congresso ainda nesta semana uma proposta de Emenda à Constituição (PEC) com “uma possível solução para estabelecer o alcance adequado para a imunidade das igrejas nas questões tributárias”.

No item que não foi vetado, de acordo com a Secretaria-Geral da Presidência, Bolsonaro “confirma e reforça” que pagamentos feitos pelas igrejas a ministros e membros das congregações não são considerados remuneração. Isso significa que eles não

estão sujeitos à contribuição previdenciária.

O governo defende que isso já estava estabelecido na Lei 8.212, de 1991, e que o novo texto apenas reforça esse entendimento. Com isso, segundo o Planalto, a Receita Federal poderá anular multas que tenham sido aplicadas por esse motivo.

CONTA

Aqueles que defendem anistia e isenção da CSLL alegam que as igrejas são livres do pagamento de impostos no Brasil.

Mas o presidente do Sindicato Nacional dos Auditores da Receita (Sindifisco Nacional), Kléber Cabral, afirma que a contribuição sobre o lucro incide sobre atividades que as igrejas executam e que não fazem parte da finalidade original dos templos religiosos.

“Algumas igrejas se organizaram como verdadeiras empresas, acabam tendo outras atividades que muitas vezes não estão relacionadas à atividade da igreja e envolvendo as pessoas responsáveis pela condução da igreja, pastores, missionários etc. Essas outras rendas devem ser tributadas, aí que aparece a contribuição social sobre lucro líquido”, justificou Kléber.

“A princípio, a igreja não tem lucro e não haveria razão pra ela pagar a Contribuição Social sobre Lucro Líquido. Mas as autuações, quando ocorrem, é quando há desvio de finalidade na atividade da igreja”, diz.

Para o Sindifisco, a proposta causaria uma “perda na arrecadação de centenas de milhões de reais por ano”, e a conta acabaria “sobrando para o restante da sociedade”.

Justiça e atacar a Lava Jato é perfeitamente compreensível. Afinal, ele tem uma extensa ficha corrida. No ano passado, foi denunciado pelo Ministério Público Federal (MPF) por atos de improbidade administrativa na época em que foi ministro da Saúde. Uma investigação iniciada em 2017 apontou irregularidades na condução dos processos de aquisição dos medicamentos para tratamento de doenças raras.

Segundo o MPF, o desabastecimento de remédios provocado pelas fraudes acarretou na morte de pelo menos 14 pacientes. Entre os denunciados no

Filha de Jefferson era ‘fada madrinha’ da corrupção

Uma operação da Polícia Civil e do Ministério Público do Rio, batizada de “Operação Catarata”, cumpriu na manhã da sexta-feira (11) cinco mandados de prisão preventiva e realizou seis buscas em endereços dos bairros de Copacabana, Recreio dos Bandeirantes e Barra da Tijuca. Os principais alvos foram ex-deputada Cristiane Brasil (PTB), filha de Roberto Jefferson, novo integrante da tropa bolsonarista, e o secretário estadual de Educação Pedro Fernandes (PSC).

O MP-RJ acusa os dois

de fazerem parte do núcleo político de uma organização criminosa que fraudou licitações de quase R\$ 120 milhões. Cristiane, que pretendia disputar a prefeitura do Rio, se apresentou na tarde de sexta na sede da Secretaria de Polícia Civil, no Centro da capital fluminense. Pedro Fernandes vai cumprir prisão domiciliar pois apresentou um atestado médico comprovando que testou positivo para a Covid-19.

Além deles, foram alvos das ordens de prisão o empresário Flavio Salomão Chadud, seu pai, o delega-

processo estava Tiago Pontes Queiroz, o indicado de Barros para o Ministério do Desenvolvimento Regional.

Barros foi também condenado a ressarcir os cofres públicos por fraude na venda de maquinário público durante o período em que foi prefeito de Maringá, o primeiro cargo eletivo que ocupou entre 1989 e 1993. Anos mais tarde, em 2016, o deputado apareceu na lista da Odebrecht como um beneficiário do esquema de propinas pagas pela empreiteira a políticos.

Leia na íntegra em www.horadopovo.com.br

do da PCERJ Mario Jamil Chadud e o ex-diretor de administração financeira (DAF) da Fundação Leão XIII, João Marcos Borges Mattos. A denúncia apresentada contra os cinco alvos da ‘Catarata 2’ e mais 20 investigados já foi aceita pela 6ª Vara Criminal da Capital do Rio de Janeiro, segundo informou o Ministério Público do Rio. A suspeita é que o esquema tenha desviado R\$ 30 milhões dos cofres públicos entre 2013 e 2018.

Leia na íntegra em www.horadopovo.com.br

Os investigadores descobriram que, entre maio de 2018 e abril de 2019, a igreja movimentou de forma “atípica” R\$ 5,9 bilhões. Achados foram feitos no inquérito sobre o

“QG” das propinas na Prefeitura do Ministério Público do Rio de Janeiro (MP-RJ) afirma ter encontrado indícios de “bilionárias movimentações atípicas” da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) durante as operações que investigam corrupção na Prefeitura da capital. Relatório de Inteligência financeira do antigo Conselho de Controle de Atividades Financeiras (COAF), anexo à investigação, cita que, entre maio de 2018 e abril de 2019, a igreja movimentou de forma “atípica” R\$ 5,9 bilhões.

Os investigadores afirmaram ser “verossímil concluir” que a entidade religiosa está sendo “utilizada como instrumento para lavagem de dinheiro fruto da endêmica corrupção instalada na alta cúpula da administração municipal” do Rio. O prefeito Marcelo Crivella é bispo licenciado da Universal e está no centro das investigações. As buscas começaram em março deste ano e investiga o ‘QG da Propina’ na Prefeitura do Rio.

Outro material de posse do MP-RJ são as mensagens do aparelho de celular apreendido, em março, com Rafael Alves, o operador de Crivella, durante a primeira fase da operação.

Apesar de não ter cargo público no Município, Rafael Alves teria enorme influência no governo – e evidências obtidas pelo MP-RJ revelam que ele era o cobrador e arrecadador de propina de fornecedores, possivelmente com aval e em aliança com Crivella. Foi para ele que o prefeito ligou às 7:30h da manhã no dia em que a polícia estava em sua casa. Para surpresa do prefeito, quem atendeu a ligação foi um delegado da polícia. Assim que percebeu, que o comparsa estava sendo preso, Crivella desligou abruptamente o telefone.

Considerado uma peça chave na investigação pelos promotores. Mas não foi fácil chegar no aparelho. Em março, em uma busca contra Rafael Alves, ele entregou um celular vazio para as autoridades. Desconfiados, eles encontraram outro telefone escondido em roupas. Outros dois estavam no carro da mulher do operador, Shanna Garcia, filha do bicheiro Waldomiro Paes Garcia, o Maninho, assassinado em 2004.

Em nota, a Igreja Universal do Reino de Deus classificou de imoral o que chamou de vazamento de informações por autoridades sem que a parte envolvida saiba da investigação. Diz ainda que toda sua movimentação financeira é “completamente lícita” e declarada aos órgãos competentes. A igreja também afirma que, sobre o prefeito Marcelo Crivella, “qualquer bispo ou pastor que decide ingressar na carreira política licencia-se de suas funções na igreja, passando a se ocupar exclusivamente da atividade pública”.

Ligação de Crivella às 7:30h para o criminoso, No começo de 2018, Rafael Alves enviou várias mensagens

com os espaços ocupados por ele no governo e revela a FAULHASER em diversas mensagens que seria capaz de revelar às autoridades todos os esquemas de corrupção e lavagem de dinheiro que ocorrem no governo e a direta participação de MARCELO CRIVELLA, sua família e a igreja, em expressa alusão à Igreja Universal do Reino de Deus

Mensagens do operador do prefeito Marcelo Crivella foram interceptadas pelos investigadores. Reprodução da TV Globo

Orlando: desemprego recorde entre os jovens é “uma tragédia social”

O deputado federal e candidato à Prefeitura de São Paulo, Orlando Silva (PCdoB), lamentou o desemprego recorde entre os jovens, que chegou a 27%, e atribuiu o fato ao “abandono do Estado sobre a parcela mais vulnerável da população”.

“O IBGE mostra o tamanho da tragédia que acomete o Brasil: 27% da nossa juventude está desempregada”, publicou em suas redes sociais.

Para ele, isso é “uma tragédia social, a ruína do país”.

Em discurso feito na convenção que o confirmou como candidato a prefeito, Orlando disse que a “prioridade absoluta será um programa de formação de emprego e renda em São Paulo”.

Através das redes sociais, Orlando também denunciou que um “erro” cometido pelo governo Bolsonaro deixou “923 mil famílias sem auxílio emergencial e também sem Bolsa Família”.

O “erro” aconteceu depois que a Controladoria-Geral da União (CGU) recomendou que 613 mil famílias que recebem o bolsa família

não recebessem o auxílio emergencial. Além da suspensão de 310 mil cadastros no mesmo grupo.

Com isso, 923 mil famílias ficaram sem nenhum dos dois benefícios. E o governo reteve no cofres R\$ 550 milhões do Orçamento destinado ao auxílio.

“Quase um milhão de famílias, em média 4 pessoas em cada, 4 milhões de pessoas passaram fome sem ter acesso a nada por ‘erro’ do governo!”, disse Orlando.

“Quer vai pagar a conta disso?”, perguntou.

Além disso, foram “130 mil mortes” pelo coronavírus, “queda do PIB de mais de 10%, desemprego avassalador e saco de arroz a R\$ 40”.

“Mas Bolsonaro acha que está indo tudo muito bem, ‘vencendo a pandemia’. Lugar de genocida é no Tribunal Penal Internacional”, concluiu.

O PCdoB confirmou a candidatura de Orlando Silva à Prefeitura de São Paulo no dia 5 de setembro. Ele será o primeiro candidato da história do PCdoB em São Paulo para o cargo.

CoronaVac pode estar disponível ao SUS em dezembro, diz Dimas Covas

Diretor do Instituto Butantan afirmou que dados sobre a terceira fase deverão ser apresentados em outubro

Ensaiο clínico da terceira fase da vacina Coronavac está evoluindo rapidamente no Brasil, sem qualquer intercorrência registrada até o momento, afirmou Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan. A expectativa é que até o fim de setembro todos os 8.870 voluntários já tenham recebido as duas doses do imunizante desenvolvido pelo laboratório chinês Sinovac Biotech e que a análise da eficácia tenha início em meados de outubro.

“Havendo comprovação da eficácia, a vacina poderá ser registrada pela Anvisa e, em seguida, disponibilizada ao Ministério da Saúde. Em dezembro o Butantan terá 46 milhões de doses disponíveis para o Ministério da Saúde dar início ao programa de imunização. Entendo que esta é uma perspectiva realista”, analisou Dimas Covas, durante coletiva de imprensa no Palácio dos Bandeirantes.

Até o momento, mais de 4 mil voluntários brasileiros já receberam a primeira dose da vacina contra o novo coronavírus (Covid-19). Uma parte deles também já recebeu a segunda aplicação. Os testes da vacina chinesa contra a Covid-19 são realizados, sob a coordenação do Instituto Butantan, em 12 centros de pesquisa em 9 estados brasileiros.

“Na etapa atual, além da inclusão dos voluntários, fazemos o seguimento de segurança e o monitoramento dos casos de Covid-19 entre os participantes. Caso algum deles apresente qualquer sintoma respiratório é feito o teste de RT-PCR, capaz de detectar o material genético do vírus em amostra biológica, para confirmar se contraiu ou não a doença. Mas ainda não temos resultados preliminares sobre a eficácia”, disse o médico Esper Kallás, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FM-USP) e coordenador do estudo clínico no Brasil.

Como explicou Kallás, a eficácia da vacina será medida por sua capacidade de prevenir casos de Covid-19 entre a população vacinada e não pela análise da resposta imune induzida. Segundo o pesquisador, o ensaio clínico de fase 3 não tem como objetivo primário avaliar o quanto a formulação é capaz de induzir a produção de anticorpos.

Dados divulgados no início desta semana pela empresa Sinovac Biotech – referentes aos ensaios clínicos de fase 1 e 2, indicam que a resposta imune induzida pela Coronavac é mais fraca entre os idosos, público considerado de maior risco e prioritário para a imunização. Os testes incluíram 421 voluntários com mais de 60 anos e 98% deles desenvolveram anticorpos contra o vírus após a imunização.

“A notícia é muito boa, na verdade. Com uma dose intermediária, que é a que estamos usando no ensaio clínico de fase 3, 98% dos idosos desenvolveram anticorpos suficientes para neutralizar o vírus. Com uma dose mais alta o índice chegou a 99%. E um resultado muito bom, muito superior a outras vacinas. A da influenza não chega a 90%, por exemplo”, comparou Covas.

Segundo Kallás, a menor resposta entre idosos já era um resultado esperado. “Essa é a regra. Uma vacina de vírus inativado com desempenho entre os idosos igual ao observado entre os jovens seria algo para se desconfiar, pois vai contra os preceitos fundamentais do sistema imune. Uma vacina extraordinária talvez consiga, no máximo, minimizar o efeito da idade”, afirmou.

O pesquisador ressalta, no entanto, que ainda não está totalmente esclarecido qual é o principal marcador de proteção contra a Covid-19. Estudos em modelos animais mostraram que a presença de anticorpos neutralizantes, administrados ou induzidos, protege contra a progressão da doença e reduz a carga viral após a infecção experimental. Algo que ainda não foi demonstrado claramente em humanos.

“Quando observamos a resposta imune de pessoas que tiveram infecção assintomática, a quantidade de anticorpos no sangue não necessariamente é maior que a dos demais infectados. É possível que outros componentes do sistema imune tenham um papel importante. Enquanto não sabemos ao certo, resta-nos buscar a imunidade induzindo a produção de anticorpos. Por enquanto é por onde conseguimos navegar”, disse Kallás.



Governo de São Paulo

“Em dezembro o Butantan terá 46 milhões de doses disponíveis para o Ministério da Saúde dar início ao programa de imunização”, disse Covas

Estados brasileiros negociam com Rússia testes e produção da vacina Sputnik V

O governo da Bahia oficializou o acordo de cooperação com o Fundo Soberano da Rússia (RDIF) para adquirir até 50 milhões de doses da vacina Sputnik V contra a Covid-19. Os testes da vacina russa devem começar em outubro, mas ainda dependem da liberação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

A previsão é de que as doses da Sputnik V comecem a ser entregues em novembro deste ano, desde que haja aprovação por parte dos órgãos reguladores no Brasil. A Bahia é o segundo estado brasileiro a firmar um acordo com a Rússia para a produção da vacina. O primeiro foi o Paraná.

O acordo de confidencialidade com o governo da Rússia para que todas as informações científicas da vacina contra a Covid-19 Sputnik V, do Instituto Gamaleya, sejam repassadas para a Fundação Baiana de Pesquisa Científica e Desenvolvimento Tecnológico (Bahiafarma).

Na prática, o acordo marca um avanço nas negociações entre o país e o estado,



Bahia, Paraná, Maranhão e Distrito Federal tem interesse

MARANHÃO E DF

Os governadores do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), e do Distrito Federal, Ibaneis Rocha (MDB), informaram que têm interesse em usar a vacina russa Sputnik V contra o novo coronavírus.

Ibaneis Rocha disse que já “está em discussão com a Embaixada da Rússia sobre a possibilidade da vacina russa ser testada e produzida no DF”.

O governador do Maranhão, por outro lado, informou que “deve tentar comprar” a vacina “conjuntamente com o estado da Bahia.”

Quando passamos a enterrar nossos mortos?

LUKAS BLUMRICH
WALTER NEVES
Instituto de Estudos Avançados-USP

É ditado popular que a única certeza da vida é a morte. Nessa sabedoria popular, no entanto, se esconde um significado mais profundo e instigante: a morte é talvez a única constante em todas as culturas e em todos os indivíduos de nossa linhagem. Mas qual a implicação disso? É simples e grandiosa: a relação dos indivíduos com o fenômeno é importante aspecto de comparação entre as diferentes espécies, épocas e culturas e pode nos ajudar a solucionar o que talvez seja o maior dilema da antropologia atual: o que define o humano e, consequentemente, o que é humanidade.

Podemos obter evidências diretas dessa relação por meio do conhecimento de o que cada espécie faz com aqueles que partiram. Apesar dos diversos tipos de atitudes relacionadas com a morte, as evidências mostram que, por enquanto, os humanos parecem ser o único tipo de animal que enterra seus mortos de forma ritualizada, e essa tradição remonta com segurança a no mínimo 130.000 anos.

Para tentar definir o que constitui a primeira evidência razoável de um enterro proposital, é necessário que tentemos traçar sua origem. As atenções se voltam, então, para os animais que possuem um senso de morte, em uma tentativa de localizar em quais momentos da árvore evolutiva essa relação mórbida surgiu e como ela se deu. Hoje, são conhecidos diversos grupos de animais que mostram comportamento peculiar em relação a parentes mortos, como chimpanzés, elefantes, alguns cetáceos, lobos e girafas. Membros da espécie *Canis lupus*, por exemplo, já foram observados enterrando filhotes mortos. As evidências, no entanto, são maiores nos três primeiros grupos.

Estudos sobre chimpanzés mostram que eles são capazes de demonstrar “compaixão” para com os doentes, feridos ou mortos e que constantemente avaliam as condições de seus companheiros, ajustando seu comportamento a elas. Esses animais chegam a apresentar sinais de “depressão clínica” com a perda de suas mães, conforme relatado na literatura, e não é incomum que mães carreguem seus filhotes jovens por alguns dias após a morte. Além das observações de alterações no comportamento, o stress causado pela morte pôde ser detectado com o aumento de curto prazo de gluco-corticóides nos parentes próximos do morto dessa espécie. Alguns autores afirmam que essas atitudes são muito similares a expressões de luto encontradas em grupos humanos atuais, ideia para a qual também convergem os estudos sobre a tanatologia dos chimpanzés. Eles podem, ainda, permanecer com um cadáver várias horas depois da morte, examinando-o e, finalizadas as interações, passam a evitar o local do ocorrido por dias.

Alguns especialistas, ao descreverem cuidadosamente o comportamento de cetáceos com outros membros da espécie mortos, sugerem que o “enlutamento” de mamíferos adultos na morte de indivíduos jovens é um comportamento comum de espécies altamente sociáveis e de vida longa. Nos diferentes cetáceos observados, totalizando sete espécies, vivendo em três oceanos diferentes, esse comportamento se traduziu em levar os corpos dos mortos à superfície da água, como é feito com recém nascidos para a obtenção de ar.

Os elefantes, conhecidos popularmente por compartilhar

diversas “emoções” com os seres humanos, apresentam comportamentos complexos em relação à morte. Conforme relatado por vários pesquisadores, são capazes de apresentar empatia, de serem afetados com as mortes de outros elefantes (parentes ou não) e, mais impressionante ainda, de reconhecer e de se lembrar do local onde ocorreram. Elefantes visitam locais de morte, tocando os restos mortificados e demonstrando curiosidade sobre os restos esqueléticos de outros membros da espécie, o que indica possivelmente o sentimento de “compaixão e consciência” sobre a morte. Existem relatos, inclusive, de elefantes que enterraram humanos com folhas após matá-los.

Infelizmente, as observações sobre os comportamentos mórbidos em animais não são extensas, e sugerem um grande potencial para pesquisas futuras. Informação essencial é que tais atitudes foram observadas em grupos totalmente isolados do contato com sociedades humanas. Já sendo constatados tais comportamentos em um pequeno número de estudos, pode-se pensar na possibilidade real de uma distribuição generalizada do “luto” e curiosidade sobre a morte no mundo animal, de modo que nossas relações com a morte podem ser muito mais antigas do que imaginamos. Aqui, no entanto, uma preocupação mais objetiva é saber quando esses comportamentos deixaram de ser puramente instintivos e passaram a envolver simbolização e a fazer parte do imaginário. Com o advento da ritualização propriamente dita, o enterro ganhou mais camadas de profundidade, e, associado a outros rituais, passou a fazer parte da vida cotidiana, como um meio de conexão entre dois mundos e de manutenção de memórias e tradições.

A pergunta que se coloca, portanto, é: desde quando passamos a enterrar nossos mortos de maneira ritualizada? Aqui cabe um parêntese. Sabemos hoje que a única característica que de fato nos aparta dos demais animais, aí incluídos os grandes símios, nossos parentes mais próximos, é o pensamento e o comportamento simbólico. Só a arqueologia pode responder tal questão. Quais são os indicadores arqueológicos que podem demonstrar comportamento simbólico em nossa linhagem evolutiva, a dos hominínios?

O primeiro deles é a descoberta em escavações arqueológicas de evidências materiais de estética e arte. Disso já tratamos em [um artigo anterior](#) publicado neste jornal em 20/04/2020. Resumidamente, pode-se dizer que as primeiras manifestações estéticas/artísticas datam de aproximadamente 130 mil anos e se deu pouco tempo depois do surgimento do *Homo sapiens*, o que ocorreu há cerca de 200 mil anos. As evidências mais antigas de arte referem-se a adorno corporal, incluindo aí a pintura do corpo, bem como adereços corporais, como colares e pulseiras. Entretanto, pesquisas mais recentes vêm sugerindo, ainda que de forma questionável, que os neandertais também podem ter adornado seu corpo.

Já quanto a sepultamento ritualizado, as evidências arqueológicas mostram que esse comportamento deve ter começado, também, por volta de 130 mil anos, no seio da evolução de nossa espécie, coincidindo, portanto, com o mesmo marco temporal das manifestações artísticas. Ocorre que nesse caso esse comportamento parece ser exclusivamente uma propriedade do *Homo sapiens*.

Um dos autores deste artigo, Lukas Blumrich, efetuou, recentemente, uma vasta revisão crítica da literatura sobre possíveis sepultamentos neandertais. Concluiu que em mais de 20 sítios arqueológicos nos quais restos esqueléticos nean-



Tumba do paleolítico superior em Sungir, localizada na Rússia, de aproximadamente 30 mil anos. Os restos mortais estavam ricamente ornados com colares reunindo milhares de conchas

dertais foram encontrados, apenas 2 ou 3 podem, com certa licenciosidade poética, terem sido sepultados propositalmente por mãos humanas e não por processos naturais, como por exemplo, o colapso de blocos rochosos que se desprenderam do teto das cavernas que ocuparam. Mais importante, ainda, é que nesses poucos casos, não há a mais mínima evidência de ritualização. Portanto, é possível que os neandertais sepultassem seus mortos ocasionalmente, muito provavelmente de forma instintiva, como fazem alguns animais sobre os quais tratamos no início deste artigo, sem qualquer ligação com uma suposta crença numa vida post-mortem.

Portanto, tanto as evidências estéticas/artísticas como as de sepultamentos ritualizados convergem para o fato de que a existência de algo que podemos chamar de humanidade no planeta remete-se a uma temporalidade modesta de cerca de 130 mil anos (nossa linhagem evolutiva começou seu percurso exclusivo por volta de 7 milhões de anos) e que a fase final do processo de humanização se deu no seio da espécie *Homo sapiens*, à qual todos pertencemos.



Pois a Amazônia não está queimando novamente

Fake-news foi espalhada pelo governo

Para negar queimadas, Salles e Mourão colocam até mico-leão-dourado na Amazônia

Para provar que não há incêndios na Amazônia e rebater o ator Leonardo DiCaprio, o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, cometeu uma falsidade grosseira ao publicar nas redes sociais um vídeo com o título “A Amazônia não está queimando”.

A publicação mostra um mico-leão-dourado como se fosse da Amazônia. A espécie está ameaçada de extinção e é exclusiva da Mata Atlântica.

O erro grotesco também foi compartilhado pelo vice-presidente, Hamilton Mourão, em sua conta no Twitter. Ele é responsável por comandar ações das Forças Armadas para combate do desmatamento na região.

O vídeo compartilhado é de autoria da AcriPará (Associação de Criadores do Pará). ‘Você está sentindo cheiro de fumaça? Claro que não! Pois a Amazônia não está queimando novamente’, diz o trecho inicial da narração do vídeo.

PARTE DO NEGÓCIO

Segundo Mourão, o mico da AcriPará é uma ação de “contrapropaganda”, uma resposta a grupos que criticam a política ambiental do governo do presidente Jair Bolsonaro.

“Da mesma forma como eu falei, aqueles grupos que consideram que nós não estamos tratando direito da questão amazônica fazem o trabalho de propaganda deles. Nós temos que fazer a contrapropaganda. Isso faz parte do negócio”, disse o vice-presidente.

Na produção, a associação de pecuaristas alega que apenas 5% dos agricultores da região utilizam as queimadas como estratégia para limpeza de seus terrenos.

No entanto, dados do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) apontam que número de focos de calor registrados na Amazônia entre 1º de janeiro e 9 de setembro deste ano é o maior para este período desde 2010.

Em 2020, foram registradas 56.425 queimadas na região, um crescimento de 6% em relação ao mesmo período do ano anterior. Mais de 10 mil focos de queimadas só nos oito primeiros dias de setembro.

De acordo com o instituto, devido às condições climáticas, não existem queimadas naturais na Amazônia. Elas acontecem por ação humana.

Entre agosto de 2019 e julho de 2020, o INPE registrou ainda um aumento de 34% no desmatamento na região da Amazônia Legal.

Divulgação



‘PEC 32/20: Um ataque aos ao setor público e ao trabalhador’

NIVALDO SANTANA*

O governo Bolsonaro/Guedes, depois de muitas postergações, enviou ao Congresso sua proposta de reforma administrativa por intermédio da Proposta de Emenda Constitucional nº 32, de 3 de setembro de 2020. O pretexto, agora, é que a PEC 32/2020 objetiva enfrentar a crise fiscal, o déficit público e dar maior eficiência à máquina, situação agravada com a pandemia. Daí a necessidade, segundo os argumentos falaciosos do governo, de cortar despesas.

O ônus, uma vez mais, recai sobre os trabalhadores do setor público, já penalizados com a terceirização irrestrita, inclusive nas atividades-fim, com a aprovação da Emenda Constitucional nº 95, que instituiu o Teto dos Gastos, e a com a Lei Complementar nº 173/2020 que, entre outras medidas regressivas, congela os salários dos trabalhadores até o final de 2021 e veda a realização de novos concursos, colocando em risco a aplicabilidade das políticas públicas de responsabilidade do estado.

Com a citada PEC 32/2020, Bolsonaro pretende criar novas regras jurídicas para os servidores. Uma delas é o fim do regime jurídico único, que permitiria a adoção de novas modalidades de contratação e ampliação dos casos de dispensa de concurso. Além disso, o governo almeja limitar a estabilidade no emprego público, reduzir direitos, arrochar salários e avançar na precarização das relações de trabalho do setor público.

A PEC atinge também as empresas estatais. Um dos artigos facilita a privatização ao permitir a cisão, fusão ou incorporação dessas empresas sem a aprovação pelo Congresso Nacional. Vista em seu conjunto, a PEC se enquadra nos rumos ultraliberais preconizados pelo titular do Ministério da Economia, Paulo Guedes, e atenta contra os direitos dos trabalhadores, além de desestruturar a gestão pública, negando dispositivos previstos na Constituição cidadã.

A política de esvaziamento das funções públicas e a consequente fragilização do estado vão na contramão dos interesses do país. Para viabilizar um novo projeto nacional de desenvolvimento, o país precisa que o estado assuma papel protagonista como indutor do crescimento econômico e promotor da justiça social, em uma palavra, que seja mola propulsora do desenvolvimento. Para esta tarefa, os trabalhadores dos serviços públicos são essenciais.

A mobilização dos trabalhadores da área e a ação do conjunto do movimento sindical, articulado com o Congresso Nacional, buscam impedir que este golpe seja consumado. É preciso, portanto, derrotar a PEC 32/2020 para o bem do serviço público e da nossa nação!

**Nivaldo Santana é Secretário Sindical da PCdoB e secretário de Relações Internacionais da CTB*

Sem segurança contra Covid, INSS não reabre e causa filas

Enormes filas voltaram a se formar em todo o país, desta vez em frente aos postos do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), após o governo anunciar a reabertura do atendimento presencial para esta segunda-feira (14).

Em muitas cidades, no entanto, sem nenhum aviso prévio, várias unidades simplesmente não abriram, e usuários que haviam agendado perícia médica ou outros atendimentos tiveram que voltar para casa sem atendimento.

Em todas as filas as reclamações eram as mesmas, de que o INSS não comunicou, seja por SMS ou email, que os médicos peritos não retornariam ao trabalho e que o atendimento nessa área permaneceria suspenso.

O retorno do atendimento nos postos já havia sido adiado algumas vezes pela Secretaria Especial de Previdência e Trabalho para que o órgão se adequasse às medidas sanitárias em decorrência do coronavírus, para proteger a população em geral e, em especial, os funcionários do órgão, que defendem a permanência do atendimento à distância.

De acordo com a Associação Nacional dos Peritos Médicos Federais (ANMP), a categoria decidiu não retomar as atividades presenciais porque apenas 12 das mais de 800 agências com serviço de perícia foram aprovadas em vistorias realizadas pela entidade.

“Mesmo com todo o alarde da pandemia, ainda tínhamos agências sem EPI [Equipamentos de

Proteção Individual] até o presente, dentre diversos outros problemas”, afirmou a associação.

Além da decisão dos médicos, em São Paulo, uma decisão judicial a pedido do Sindicato dos Trabalhadores do INSS, suspendeu o atendimento presencial. Sem serem informados, centenas de pessoas começaram a lotar os postos desde às 5h.

O mesmo aconteceu em outros municípios. Em Belo Horizonte, por exemplo, onde o INSS havia anunciado a reabertura de 7 unidades, apenas dois postos reabriram e, mesmo assim, sem atendimento de perícia médica.

No Paraná, em algumas cidades do interior, quase todas as unidades permaneceram fechadas. O mesmo aconteceu no Rio de Janeiro e capitais e municípios de todas as regiões do país.

O descaso com a população e os funcionários do órgão é tanto, que, após todos esses meses sem atendimento, o próprio INSS admitiu que muitos postos não reabriram por falta de materiais de proteção contra o coronavírus, que ainda estão em fase de implantação e que o retorno só vai ocorrer quando tudo estiver 100% preparado.

“Mais uma vez o INSS de cima do seu pedestal deu as costas para uma série de alertas feitos pelas entidades sindicais em relação a pandemia e a fragilidade de um pseudo protocolo sanitário que não se sustenta para promover a reabertura das agências do INSS”, diz nota do sindicato dos trabalhadores do órgão.

Will Shutter/Câmara dos Deputados



Rudinei Marques, presidente do Fórum de Carreiras Típicas do Estado

Reprodução



Quase 1 milhão de pessoas cadastradas não receberam o benefício

Governo deixou 923 mil pessoas sem auxílio emergencial ou Bolsa Família em agosto

O governo deixou quase 923 mil beneficiários do Bolsa Família sem receber o auxílio emergencial, nem o Bolsa Família, no mês de agosto.

Essas pessoas – que, por serem beneficiários do Bolsa Família se enquadram entre os mais necessitados – tiveram o auxílio cancelado ou suspenso, após uma revisão de cadastros feito pelo governo, mas, de qualquer forma, deveriam ter recebido o Bolsa Família.

O pagamento do auxílio emergencial pode ser revogado pelo governo, mas o Bolsa Família não poderia ter deixado de ser pago,

pois qualquer revisão desse benefício foi suspensa, por causa da pandemia, desde 20 de março. Portanto, mesmo que o pagamento do auxílio por algum motivo tivesse que ser cortado para essas pessoas, elas não poderiam ter deixado de receber o benefício do Bolsa Família, que é um programa permanente de distribuição de renda.

Segundo o Ministério da Cidadania, a revisão dos cadastros “é resultado de um trabalho sistemático realizado pelo governo federal” com o objetivo de “garantir a melhor aplicação dos recursos públicos e

alcançar os cidadãos que se enquadram nos critérios de elegibilidade”.

Apesar da “falha”, o governo se comprometeu a pagar o benefício atrasado junto com o de setembro.

O ministério também explicou que o cancelamento de 613 mil auxílios emergenciais para pessoas inscritas no Bolsa Família, além da suspensão de 310 mil cadastros no mesmo grupo foram feitos por recomendação da Controladoria-Geral da União (CGU). Com a medida, o governo deixou de gastar R\$ 550 milhões do Orçamento destinado ao auxílio.



Categoria manteve a greve em defesa do acordo conquistado em 2019

Correios mantêm corte de direitos e audiência no TST termina sem acordo com trabalhadores

A audiência de conciliação entre os trabalhadores e a direção da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT- Correios), convocada pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST), nesta sexta-feira (11), terminou sem acordo.

Conforme o Sindicato dos Trabalhadores da Empresa Brasileira de Correios de São Paulo (Sindect-SP), a empresa foi mais uma vez intransigente na negociação mantendo os cortes nos direitos conquistados pelos funcionários nos últimos anos.

Desde julho, rompendo acordo coletivo assinado em 2019, a direção dos Correios reduziu benefícios como vale-alimentação, adicionais noturno, indenizações, licença maternidade, afetando drasticamente a renda dos funcionários, que se mantiveram como função essencial durante

a pandemia do coronavírus.

Na audiência, o vice-presidente da Associação dos Profissionais dos Correios (ADCAP), Marcos César Alves Silva, apontou os recordes de lucro que a empresa obteve nos últimos anos, rebatendo os argumentos dos advogados da empresa de que a empresa não tem condições financeiras de manter o acordo.

Segundo Marcos César, foram “meio bilhão de lucros em 10 anos (período que compreende, inclusive, os anos em que a empresa deu prejuízo), mais de R\$ 800 milhões de lucros nos últimos três anos e mais de R\$ 600 milhões de lucro de janeiro a julho/2020”. O representante da ADCAP também reforçou que o segundo semestre é historicamente melhor que o primeiro e, em 2020, isso tende a ser ainda mais forte,

devido à pandemia.

A reunião foi mediada pela ministra do TST, Kátia Arruda, que marcou o julgamento do dissídio para o próximo dia 21 de setembro.

Conforme o Sindicato dos Trabalhadores, como a empresa se recusa a negociar, “a greve continua e precisa crescer com mais trabalhadores e setores parando e com todos participando dos atos, carreatas, distribuição de carta aberta e demais atividades convocadas pelo seu Sindicato”.

Essa foi a segunda audiência realizada. Na anterior, o TST havia proposto a manutenção de todas as cláusulas do acordo coletivo até o término da pandemia, mas a direção da empresa, através do Presidente General Floriano Peixoto, não aceitou a proposta do Tribunal.

Para presidente do Fórum dos Servidores, foi estabilidade que evitou o caos na saúde

O presidente do Fórum Nacional Permanente de Carreiras Típicas do Estado (Fonacate) e do Sindicato Nacional dos Auditores e Técnicos Federais de Finanças e Controle (Unacon), Rudinei Marques, em entrevista ao HP, falou sobre as consequências para o serviço público caso a reforma administrativa (PEC 32/2020), apresentada pelo governo seja aprovada.

Para Rudinei, as alterações no regime dos servidores públicos podem levar o país a uma convulsão social. “Essa medida chega a ser uma covardia contra os servidores que fazem um serviço que o governo não faz. Estamos num país totalmente sem direção e os servidores são apunhalados com a destruição do serviço público”, afirmou. Veja abaixo a íntegra da entrevista:

HP: Como você avalia a proposta do governo para o serviço público?

RM: Em 1º lugar, entendemos que o momento é inoportuno para uma reforma dessa envergadura. Milhares de servidores estão na linha de frente do combate ao coronavírus, servidores da área do SUS, médicos, enfermeiros, servidores da assistência social, da pesquisa, e mesmo o pessoal da Educação que não está diretamente envolvido, mas está tendo que fazer uma série de adaptações para atender os alunos.

Essa medida chega a ser uma covardia contra os servidores que fazem um serviço que o governo não faz. Estamos num país totalmente sem direção e os servidores são apunhalados com a destruição do serviço público.

HP: O governo argumenta que o país está com a “máquina inchada” e os servidores com “supersalários”. Essas informações procedem?

RM: O governo apresenta esse projeto baseado em fake News, dizendo que a máquina pública está inchada. A média da OCDE [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, que reúne 37 países] é 21% de empregabilidade no serviço público. No Brasil estamos com 12%. Temos espaço para dobrar essa ocupação.

A reforma vem com um discurso que a máquina pública tem um custo exorbitante. Acabamos de demonstrar com estudos técnicos que 93% dos servidores públicos estão no Executivo, e com uma média salarial de R\$ 4.200. Onde estão os supersalários? Ponto fora da curva deve ser corrigido, mas não destruindo o serviço público.

E os municípios concentram a maior parte dos servidores públicos no Brasil. Do total de 11,4 milhões, 6,5 milhões estão nos municípios com uma média salarial de R\$ 3 mil reais. Onde está o abuso?

HP: O governo diz que há uma “ineficiência” estatal...

RM: Outra falácia é dizer que é ineficiente. Esses inconsequentes têm que dizer onde é que está o problema. Nossas instituições, como a Fiocruz

por exemplo, fazem pesquisas com os maiores institutos do mundo. É a Fiocruz que é ineficiente? E o Banco Central, que está lançando agora o PIX, um mecanismo de pagamento eletrônico que é um avanço nessa tecnologia. São servidores concebendo projetos para viabilizar o Estado.

O que está claro é que o problema não é o servidor. É a falta de planejamento. Que planejamento tem essa equipe econômica do governo? Nenhum. É deficiente.

HP: Um dos pontos que o governo pretende acabar é a questão da estabilidade. Como isso afeta o serviço público?

RM: A PEC apresentada traz problemas gravíssimos e o fim da estabilidade é um deles. O fim da estabilidade acaba com a proteção do servidor e da sociedade. Se não tivesse estabilidade, o país estaria em um caos ainda maior.

Na Saúde, veja o que tivemos de pressão para o uso da cloroquina, comprovadamente ineficaz no tratamento da Covid-19. Por ter estabilidade, os servidores puderam dizer não. Além das pressões para manipular dados. Se os servidores não pudessem dizer não, os imbecis fariam o que quisessem.

Não só na Saúde. Olha as coisas desastrosas que diz ministro da Educação. Se as universidades não tivessem independência e os servidores não tivessem estabilidade, a ciência no Brasil acabaria. O Ibama, órgão fiscal que multou o presidente, é outro exemplo. Se o servidor não tivesse estabilidade seria demitido. É isso o que essa reforma faz: o aparelhamento do Estado.

HP: A PEC propõe acabar com o Regime Jurídico Único e criar outras formas de contratações. O que isso pode acarretar para os serviços públicos?

RM: A extinção do Regime Único, com a contratação de temporários e outros tipos de contrato, vai levar à precarização do trabalho. Será a “uberização” do serviço público, terceirização irrestrita. É um horror. E mais assombroso ainda, que representa um atraso de 4 séculos, é a possibilidade de o presidente poder extinguir qualquer órgão, agência, a hora que entender. É a volta de Luiz XV, do “o rei sou eu”.

Estamos numa situação em que o distanciamento social impede a realização de audiências públicas e esse é um tema complexo que requer um aprofundamento. Temos diversos estudos que apontam que a pobreza e a pobreza extrema vão superar 50% da população na América Latina, segundo dados da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe). São 580 milhões de pessoas na pobreza e 290 milhões na pobreza extrema.

E no Brasil, diante dessa situação, é o serviço público que vem dando conta de tudo, e a situação vai piorar. Corremos o risco de ter uma convulsão social. Já são 60 milhões de desempregados ou desalentados, vivendo de auxílio emergencial. O país precisa muito do serviço público.

Embraer não negocia demissões e funcionários seguem em greve

Em audiência mediada pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT), a Embraer se recusou a atender a proposta do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região, que pedia o cancelamento das 2.500 demissões e a continuidade das negociações para que fosse encontrada uma alternativa às dispensas.

A audiência aconteceu após os funcionários entraram em greve contra as demissões na empresa, que anunciou as 2,5 mil demissões. Desses, 900 foram dispensados na quinta-feira (3) e 1,6 mil aderiram ao Plano de Demissão Voluntária (PDV), que foi encerrado na quarta (2). Sem acordo, os funcionários aprovaram manutenção da greve.

Durante o encontro, que

foi conduzido pela desembargadora vice-presidente judicial, Tereza Asta Gemignani, e pelo procurador do Ministério Público do Trabalho, Ronaldo Lira, a Embraer admitiu uma das denúncias dos trabalhadores, de que iniciou o processo de demissões sem negociar com o sindicato, conforme orienta o tribunal.

“A Embraer é uma empresa que, mesmo após sua privatização, em 1994, continua recebendo dinheiro público por meio de financiamentos pelo BNDES. Recentemente, foi beneficiada com a liberação de R\$ 3 bilhões. Não é possível admitir que a Embraer receba dinheiro público enquanto realiza demissão em massa”, diz um trecho de uma carta do Sindicato enviada aos governos municipal, estadual e federal.

Eleições na Bolívia: Arce lidera com 26,2% contra 17,1% do segundo colocado

Na última pesquisa da consultora Ciesmori, Luis Arce, candidato à Presidência da Bolívia pelo partido Movimento Ao Socialismo (MAS), aparece com 26,2% de respaldo, seguido de Carlos Mesa com 17,1%. Jeanine Añez, presidente autoproclamada após a deposição de Evo Morales, apenas supera os 10% de intenção de voto.

“O MAS continua sendo a primeira força em âmbito nacional. Acreditamos que temos enormes possibilidades. Venho de Santa Cruz e Cochabamba e vejo um voto oculto, que é nosso voto. Há medo, em Santa Cruz há amedrontamento e pressão. E muitas pessoas não querem dizer que vão votar no MAS, pessoas que nos dizem em voz baixa que vamos ganhar”, relatou Arce.

No domingo (6), começou legalmente a campanha eleitoral no país, adaptada aos tempos de pandemia, com Arce promovendo atos através da Internet e caravanas de veículos em Santa Cruz de la Sierra.

O candidato disse que existe um trabalho de setores da mídia e agentes políticos da direita por “reavivar” o “voto útil” em favor de Mesa, já que a candidatura de Añez é um visível fracasso, aumentado particularmente no marco do combate ao coronavírus. Arce afirmou que confia em obter um considerável apoio das pessoas que na mencionada pesquisa disseram estar indecisas ou que vão votar em branco ou nulo (aproximadamente 32% do total dos consultados na pesquisa).

JUIZES AMEAÇADOS

O candidato do MAS à Presidência da Bolívia, afirmou que as forças políticas que o apoiam acata-rão a decisão divulgada na noite de segunda-feira (7), em que o Tribunal Departamental de Justiça de La Paz somou-se ao Tribunal Supremo Eleitoral (TSE), proibindo que Evo Morales se apresente nas eleições de 18 de outubro como candidato a senador pelo de-partamento de Cochabamba, porque não cumpriria com o requisito de dois anos de residência perma-nente no local. Desde que foi deposto, em novembro de 2019, o ex-presidente reside na Argentina, o que motivou a proscrição por parte do TSE, referendada pelos juízes constitucionais.

De Buenos Aires, Morales respondeu no Twitter que acata a decisão “porque nosso compromisso e prioridade são com que o povo saia da crise. Não cairemos em nenhuma provocação, o povo voltará a governar-se a si mesmo, pacífica e democrática-mente”. O ex-presidente afirmou, no entanto, que o juiz tomou sua decisão “sob ameaças e pressões”, e que a mesma foi “política, ilegal e inconstitucional”.

Em entrevista na rede Bolivisión, Arce esclareceu que “não há possibilidade legal de realizar outro recurso” contra a medida, porém confirmou que Morales continuará sendo o comandante da campanha eleitoral do MASs. O ex-ministro de Economia afirmou que somente uma assembléia das bases do partido pode definir se Evo deve deixar de ser chefe de campanha, e que, no momento, isso não está dentro dos seus planos.

“O MAS é a única opção que pode dar estabi-lidade econômica, política e social. Confiamos na sabedoria do povo. Já o fizemos no passado e o faremos agora, apontando para um bom futuro econômico. Tivemos os melhores indicadores da região [no mandato de Morales] e o povo o sabe. E sabe que não pode se equivocar; se em dez meses [de governo da autoproclamada Janine Añez] es-tamos como estamos, imagine o que será em cinco anos”, observou Arce.

O constitucionalista argentino Eugenio Raúl Zaffaroni, considerado uma das maiores autori-dades mundiais em Direito Penal e atual membro da Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), declarou que a desabilitação de Morales não o surpreende porque na Bolívia operam “grupos armados que ameaçam os juízes”. “Os juízes bolivianos não estão em uma situação comum, realmente estão sob ameaças.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

CNA rechaça ofensas de Trump a Nelson Mandela

O Congresso Nacional Africano (CNA), que go-verna a África do Sul, clas-sificou o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, como “divisionis-ta, misógino e desrespeito-so”, em resposta a relatos do novo livro do ex-advogado pessoal de Trump, Michael Cohen. No livro “Disloyal: A Memoir”, o ex-advogado afirma que Trump disse do Prêmio Nobel da Paz que “não era um líder, fodeu a África do Sul que agora é um lugar de merda”.

O porta-voz do CNA, Pule Mabe, afirmou que “todas as pessoas do mundo que amam a liberdade ficam horri-zadas com esses insultos que vêm de uma pessoa que, por si só, não é um modelo de liderança com-petente”.

E completou: “o pre-sidente Mandela tam-bém acreditava no bom comércio e nas relações diplomáticas sólidas. O presidente Mandela en-tendia o valor da amizade internacional entre os países do mundo”.

“A marca de um ver-dadeiro líder não é quan-to inimigos você cria, mas quantas amizades você cultivava, mesmo quando fortes diferen-ças de opinião existem”, prosseguiu Mabe, lem-bando que “Mandela é um ícone internacional, um defensor da liberda-de reverenciado e um grande líder que será lembrado e celebrado nos próximos séculos”.

Além de insultos à

Mandela, o livro também diz que Trump se compor-ta como um mafioso e tem uma opinião negativa de todos os negros e chegou a dizer “diga-me um país governado por um negro que não é um esgoto”.

As palavras lembram alegações semelhantes, de 2018, onde Trump se referiu aos países africa-nos como nações “bostas”. Naquela época, Trump disse aos repórteres: “Não sou racista. Sou a pessoa menos racista que você já entrevistou”. A Fundação Nelson Mandela também se manifestou; disse não acreditar que “os líderes que se comportam da maneira como Mr. Trump o faz estejam em posição de oferecer comentários con-fiáveis sobre a vida e obra de Madiba [Mandela]”.

Mandela foi preso por 27 anos por sua luta con-tra o apartheid, que foi um sistema legalizado de discriminação contra pes-soas que não eram bran-cas, introduzido na África do Sul em 1948. Mandela negociou com o governo de minoria branca para garantir uma transição não violenta para o gover-no democrático em 1994.

Ele ganhou o prêmio Nobel ao lado do ex-pre-sidente sul-africano, de Klerk, o homem com quem negociou, por seus esforços em garantir um “término pacífico do regi-me do apartheid”. Man-dela se tornou o primeiro presidente negro da África do Sul em 1994 e deixou o cargo em 1999. Ele mor-reu em 2013 aos 95 anos.

China declara vitória sobre Covid-19 e homenageia os heróis da Saúde



Xi Jinping e os cientistas que ajudaram a China a vencer a pandemia

Coletes Amarelos voltam às ruas de Paris contra o arrocho de Macron

“Macron, demissão”, exigiram perto do Pa-lácio da Bolsa de Paris milhares de manifes-tantes do movimento “coletes-amarelos”, que voltou às ruas da França, no sábado (12).

“Estamos aqui, es-tamos aqui”, coreavam outros. “A regressão so-cial não se negocia, se combate”, dizia a faixa portata por manifes-tantes.

Os protestos come-çaram no fim de 2018 contra as reformas que causaram aumento no preço do combustí-vel, aumento dos impostos para os aposentados e contra a condução da economia pelo governo de Emmanuel Macron. Os protestos agora re-tomados, tinham dado uma pausa por conta da pandemia do corona-vírus.

Um dos participantes pedia simplesmente “po-der encher a geladeira dignamente”, outro ti-nha escrito em seu colete amarelo as palavras “so-lidariedade, igualdade e liberdade”.

“As vidas dos coletes amarelos importa”, lem-brava à polícia o cartaz de uma manifestante, em referência à Black Lives Matter (A Vida dos Ne-gros Importa), movimen-to nos Estados Unidos que pede acabar com a violência policial da qual são vítimas, despropor-cionadamente, os negros.

Além de Paris, várias capitais de províncias da França registraram pro-testos dos “coletes ama-relos”. Jean-Luc Mélen-chon e Fabien Roussel, lideranças progressistas do país, demonstraram apoio aos atos. Jérôme Rodrigues, militante na convocação dos protes-tos, pediu que as pessoas voltassem às ruas para denunciar as “injustiças



Manifestantes em Paris querem poder se alimentar

sociais e fiscais” que não deixam de aumentar no país.

A aposentada Muriel-le, ativa participante, no sábado voltou a vestir seu colete amarelo para pedir um aumento das pensões. “Depois de 45 anos tra-balhando, apenas recebo uma mixaria. Como pagar o aluguel e viver digna-mente? Não é possível”, reclama, e desafia o presi-dente a viver um mês com o salário mínimo e pagar com isso todos os gastos.

O movimento teve iní-cio após o presidente Ma-cron ter anunciado um “imposto ecológico” sobre o diesel, que todos usam. Um aumento de 23% em 12 meses. As exigências de corte nos impostos logo se estenderam à denúncia do congelamento nos salários e da redução nas apo-sentadorias. As centrais sindicais se somaram. A renúncia do presidente passou a ser exigência constante nas ruas da França.

Acuado com os protestos, Macron prometeu um paco-te de medidas com o objetivo de cumprir algumas das exigências, como aumentar o salário mínimo e reduzir os impostos aos aposenta-dos. Mas, as boas intensões ainda não resultaram em fatos para aliviar o arrocho sobre os franceses.

No sábado passado, aconteceram também ma-nifestações em Bordeaux, Toulouse e Marselha, mes-

mo que em um contexto pouco favorável às con-centrações pela forte ci-rulação do coronavírus na França onde, no domingo (13), foram contabiliza-dos mais de 400.000 casos desde o início da Covid-19 e 31.000 mortes, segun-do a Universidade John Hopkins.

Na manifestação havia também novos ‘coletes amarelos’ como Mat-thieu, de 45 anos, que participou pela primeira vez em Paris, registrado na reportagem do jor-nal espanhol El Mundo. “Durante um ano e meio, como muitos que são fa-voráveis ao movimento, só fiquei olhando pela televisão, esperando que fossem conseguir algo, mas, de fato, se todos não atuarmos, não funciona”, explicou este funcionário da multinacional L’Oreal que agora está nas ruas para “destruir” Macron e sua “política neoliberal”.

Muitos dos manifes-tantes estavam com uma máscara amarela.

Apesar da maioria das pessoas ter se manifesta-do pacificamente, alguns usaram roupas pretas e carregaram bandeiras de um movimento que se diz antifascista, com a presença de radicais cha-mados de “black blocks”, que cometeram alguns atos violentos. A polícia atirou gás lacrimogêneo e prendeu mais de 200 pessoas em Paris.

Genadi Ziuganov condena “aqueles que empurram Bielorrússia ao caos”

Líder comunista russo con-clama a ações decisivas para o fortalecimento da União estatal Rússia-Bielorrússia

O líder do Partido Comunis-ta da Federação Russa, Genadi Ziuganov, denunciou o “ataque cínico à Bielorrússia” de parte “das mesmas forças que vêm destruindo a unidade dos povos da Rússia e da Ucrânia” em carta dirigida ao presidente Vladimir Putin e ao bielorrusso Alexander Lukashenko.

Para impedir que “tais pla-nos destrutivos” se tornem realidade, Ziuganov convocou “a passar das declarações e pro-tocolos às medidas concretas, às ações decisivas urgentes para o fortalecimento da União Rú-sia-Bielorrússia, tanto quanto possível, em todos os campos”.

Dirigindo-se “aqueles que empurram a Bielorrússia para o caos e ensaiam o cenário de um



Ziuganov, presidente do PC da Federação Russa

Maidan russo em suas cidades, humilha-nossa pátria, difa-mam nosso passado comum, zombam de nossos feitos heroi-cos e insultam o mundo russo”, Ziuganov os advertiu de que “estão brincando com fogo!”

“Os russos e os bielorrussos acalentam os ideais de justi-ça, detestam os princípios da

ganância e do oportunismo. Enquanto o grande espírito da Vitória estiver vivo em nós, seremos capazes de fugir de qualquer inferno e escuridão, superar qualquer crise e alcan-çar novas vitórias históricas”, sublinhou.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Na cerimônia em que proclamou a vitória da China ao enfrentar a pandemia, o presidente Xi Jinping prestou homenagem aos “heróis dessa difícil luta: médicos, enfermeiros e cientistas”

“Uma prova histórica e extremamente difícil”: a China proclamou a vitória sobre a pandemia da Covid-19 na terça-feira (8) em Pequim, em cerimônia encabeçada pelo presidente Xi Jinping, em que os grandes homenageados foram os heróis dessa luta, os cientistas, o pessoal médico e os voluntários.

Zhong Nanshan, de 84 anos, principal especialista em doen-ças respiratórias chines e que liderou a estratégia do país de combate à pandemia, recebeu a maior condecoração da China, a “Medalha da República”.

Três representantes dessa epopeia, a cientista Chen Wei, que liderou os trabalhos para a primeira vacina chinesa contra a Covid, Zhang Dingyu, diretor de um hospital de Wuhan, e Zhang Boli, especialista em medicina tradicional chinesa, foram agra-ciados com o título de “Heróis do Povo”, por suas contribuições para esse árduo triunfo.

Cerca de três mil represen-tantes do pessoal da saúde e da retaguarda estavam presentes no Grande Salão do Povo. A luta de oito meses contra o corona-vírus, com mais de 1,4 bilhão de pessoas envolvidas, fez da China o primeiro grande país a voltar ao normal e a primeira grande economia a retomar o crescimento, como enfatizou o jornal Global Times.

Quando se compara a si-tuação da China em relação à pandemia, 85 mil infectados e 4,6 mil mortos, com os mais de 27 milhões de casos e 900 mil mortos no mundo inteiro, a escala dessa vitória se agiganta. Ainda estão na memória as dramáticas cenas de Wuhan, totalmente fechada para o país e o mundo, médicos e voluntários à beira da exaustão, tendo de aprender a tratar da doença, salvar os enfermos e a conter a transmissão, no auge da crise.

“Travamos uma grande batalha contra a epidemia que acabou se revelando avassala-dora para todos (...) A China se tornou a primeira grande economia a retomar o cresci-mento durante a pandemia de Covid-19 e assumiu a liderança no mundo tanto no controle da pandemia quanto na recupera-ção econômica”, enfatizou Xi.

“Isto demonstrou a forte capacidade da China de se recu-perar e sua enorme vitalidade”, acrescentou.

Na verdade, como no segun-do trimestre a China já teve um crescimento de 3,2% em relação ao ano anterior, o país, apesar do fechamento no primeiro tri-mestre, sequer chegou a entrar em recessão.

‘LUTA CIENTÍFICA’

Como salientou o presidente, pessoas de todas as esferas da vida da China tomaram parte na “guerra popular científica” contra a pandemia, em meio a enormes dificuldades, sacrifícios e histórias tocantes – médicos, cientistas, enfermeiros, volun-tários, entregadores, pessoal da limpeza, militares e militantes do Partido Comunista chinês.

Xi apontou que a China demorou pouco mais de um mês para conter inicialmente a propagação da epidemia – aliás, medidas consideradas pela Or-ganização Mundial da Saúde, como “sem precedentes”.

Para reduzir o número de novos casos domésticos diários para um dígito – acrescentou –, foram necessários cerca de dois meses. Para vencer a Covid-19 em Wuhan, o epicentro da doen-ça, e a província de Hubei, foram três meses. Em seguida, várias batalhas permitiram aniquilar infecções surgidas nas cidades.

Xi disse que a unidade do povo chinês na guerra popular científica estava à vista no branco das batatas dos médicos, no verde dos uniformes dos militares e no vermelho das roupas dos voluntários, muitos deles membros do partido.

Alertou contra o afrouxa-mento das medidas antiépide-micas e pediu “cautela” com relação aos chamados “casos importados” e aos surtos esporá-dicos, para que seja “completa” a vitória contra a Covid-19. O presidente destacou que a epi-demia mostrou que o socialismo com características chinesas é a garantia fundamental para resistir aos riscos e desafios, e melhorar a capacidade de governança nacional.

Xi convocou, ainda, a nação

a empreender os esforços para compensar o tempo perdido na meta da redução da pobreza e para a reparação dos danos trazidos pela Covid-19. Chamou também a corrigir os elos fracos mostrados durante a crise, atra-vés do fortalecimento do sistema de saúde pública e do aprimora-mento da biossegurança.

WUHAN HEROICA

Xi também se referiu à he-roica Wuhan e que a cidade foi apoiada de todas as partes da China, enquanto sua popu-lação fazia enormes sacrifícios e contribuições, sem os quais não teria sido possível a vitória nacional sobre o coronavírus.

“Passamos no teste extraor-dinário da história”, afirmou o presidente, saudando os compa-triotas por um “feito heróico” contra a doença.

A cerimônia foi televisionada e acompanhada no país inte-ro, tendo sido antecedida por um vídeo sobre Wuhan. Uma médica de lá, de sobrenome Wang, contou ao jornal chinês de língua inglesa China Daily que seu hospital reuniu a equipe médica para assistir à cerimônia pela televisão.

“A maioria do pessoal cho-rou, vencemos a batalha, mas raramente pudemos nos deter para olhar para o processo”, disse a médica.

“As roupas encharcadas de suor sob os trajes de proteção durante o inverno frio; o pânico desencadeado por pacientes com tosse; o desamparo dos médicos quando os pacientes morriam na frente deles; e o medo de passar o vírus para seus entes queridos são as cicatrizes que Wang e seus colegas precisam de tempo para curar”, observou o Daily.

“Nossos corações estão aque-cidos, pois sabemos que é sinal de vitória, e de que somos lem-brados pelos líderes do governo e pelo povo chinês”, disse Wang.

A VIDA ACIMA DE TUDO

“Colocar a vida das pessoas em primeiro lugar; solidariedade nacional, sacrifício, respeito à ciência e um senso de missão para com a humanidade”: para o presidente Xi, foram estas ca-racterísticas do espírito da Chi-na que permitiu esse resultado.

“Estamos dispostos a fazer o que fosse preciso para pro-teger a vida das pessoas, acima de tudo e em primeiro lugar”, detalhou Xi, sobre as decisões tomadas pelo governo e pelo partido no momento mais difícil.

Questões que explicam a enorme diferença nos rumos to-mados pela pandemia e em seu combate em outros países, de que os EUA são o exemplo mais gritante. Ou o triste espetáculo de negacionismo, charlatanismo e egoísmo visto em tantas capi-tais ocidentais.

Sobre isso, Xi assinalou que “solidariedade e cooperação” são “a escolha certa” para a resposta da comunidade inter-nacional à Covid-19, enquanto o egocentrismo e a fabricação de bodes expiatórios apenas “causam dano a todos os povos”.

FUTURO COMPARTILHADO

Xi destacou que o grande esforço em curso no mundo in-teiro para deter a pandemia está demonstrando que a construção de uma comunidade com futuro compartilhado para a humani-dade é o caminho correto para superação dos desafios comuns e por um mundo melhor e próspe-ro. O presidente agradeceu aos países amigos e às organizações internacionais, pelo apoio e assis-tência nessa hora difícil.

Conforme a pandemia ain-da varre o mundo inteiro, Xi afirmou que a China seguirá empenhada em fortalecer a cooperação internacional no controle das pandemias, apoiar o papel da OMS, compartilhar com outras nações experiências de tratamento e de controle da Covid-19, e propiciar ajuda aos países mal aparelhados para lidar com o mal.

Ao encetar a recuperação econômica, a China também propiciou ao resto do mundo uma enorme quantidade de meios de combate à pandemia, tendo ex-portado desde o dia 15 de março 151 bilhões de máscaras faciais, 209 mil respiradores, 1,4 bilhão de vestes de proteção e 230 mi-lhões de óculos de proteção.

Leia matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

‘Julgamento de Assange é ataque à imprensa’, afirmam Chomsky e Alice Walker

A escritora Alice Walker (que ficou conhecida pelo romance A Cor Púrpura) e o linguista Noam Chomsky classificaram o pedido de Trump para a extradição de Julian Assange como “o ataque mais perigoso à liberdade de imprensa em pelo menos uma geração”.

Em matéria para o The Independent da Inglaterra, eles denunciaram as tentativas norte-americanas de fazer um espetáculo em torno de sua vida pessoal, para desviar o foco do julgamento político ao qual ele está sendo submetido.

“Na segunda-feira, Julian Assange foi levado a Old Bailey para continuar sua luta contra a extradição para os Estados Unidos, onde o governo Trump lançou o ataque mais perigoso à liberdade de imprensa em pelo menos uma geração, acusando-o de publicar documentos do governo dos EUA. Em meio à cobertura do processo, os críticos de Assange inevitavelmente comentaram sobre sua aparência, rumores de seu comportamento enquanto estava isolado na embaixada do Equador e outros detalhes obscenos”, escreveram no artigo do dia 9.

“Essas distrações previsíveis são emblemáticas do estado lamentável de nosso discurso político e cultural. Se Assange for extraditado para enfrentar acusações por praticar jornalismo e expor a má conduta do governo, as consequências para a liberdade de imprensa e o direito do público de saber serão catastróficas. No entanto, em vez de abordar seriamente os princípios importantes em jogo na acusação sem precedentes de Assange e nos 175 anos de prisão que ele enfrenta, muitos preferem se concentrar em perfis de personalidade inconsequentes”.

“Assange não está sendo julgado por andar de skate na embaixada do Equador, por tweetar, por chamar Hillary Clinton de falcão de guerra ou por ter uma barba desgrenhada quando foi preso pela polícia britânica. Assange enfrenta extradição para os Estados Unidos porque publicou evidências incontestáveis de crimes de guerra e abusos no Iraque e no Afeganistão, envergonhando governos da nação mais poderosa da Terra”.

“Ao desviar a atenção dos princípios do caso, a obsessão com a personalidade destaca a importância das revelações do WikiLeaks e até que ponto os governos ocultaram a má conduta de seus próprios cidadãos”.

O linguista e a escritora estadunidense, lembraram que os “posts de Assange em 2010 expuseram 15.000 vítimas civis anteriormente não contadas no Iraque, vítimas que o Exército dos EUA teria enterrado. E o fato de que os Estados Unidos estão tentando realizar o que os regimes repressivos só podem sonhar: decidir o que os jornalistas de todo o mundo podem e não podem escrever. Destacamos o fato de que todos os denunciantes e o próprio jornalismo, não apenas Assange, estão sendo julgados aqui”.

APOIO DE JORNALISTAS BRASILEIROS

A Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), publicou uma nota de apoio à Assange, afirmando que “ao longo dos anos, o Wikileaks colaborou com dezenas de jornalistas e veículos de imprensa, o que resultou em milhares de reportagens de interesse público universal. Entre os veículos que publicaram informações em conjunto com o Wikileaks estão o inglês The Guardian, o francês Le Monde, o americano The New York Times, o alemão Der Spiegel, o espanhol El País, e os brasileiros Folha de S.Paulo e O Globo”.

Leia mais em www.horadopovo.com.br

‘Trump admite que escondeu perigo do vírus’, diz jornalista Woodward



O veterano jornalista Bob Woodward retrata o governo caótico de Trump

China e Índia aprovam medidas para normalizar fronteira

O chanceler chinês Wang Yi e o ministro das Relações Exteriores da Índia, S. Jaishankar, se reuniram em Moscou na última quinta-feira (10), e discutiram a situação nas áreas fronteiriças, além de questões bilaterais entre os países. A conversa aconteceu antes da reunião dos ministros das Relações Exteriores da Organização de Cooperação de Shanghai, e aprovou medidas para restaurar “paz e tranquilidade” na região.

A situação entre os países ficou tensa em junho, quando um confronto na região do lado ocidental do Himalaia, cuja fronteira ainda carece de demarcação, causou a morte de indianos e chineses, que se enfrentaram a socos, pedradas e paus com arame farpado. Outro confronto aconteceu no início desta semana.

Segundo Wang “é normal que a China e a Índia tenham diferenças sendo dois importantes países vizinhos. O importante é colocar essas diferenças em um contexto adequado em relação

às relações bilaterais”. O chanceler chinês destacou que os países “não são rivais competitivos ou ameaça uma para o outro, mas parceiros de cooperação e oportunidades de desenvolvimento”. E que “sempre que a situação fica difícil, é ainda mais importante garantir a estabilidade da relação geral e preservar a confiança mútua”.

Em comunicado nesta sexta-feira (11), o Ministério das Relações Exteriores da China afirmou que “o imperativo é parar imediatamente as provocações, como disparos e outras ações perigosas que violam os compromissos assumidos pelos dois lados”. Segundo o comunicado é importante recuar todo o pessoal e equipamento, para que tropas fronteiriças possam se desengajar rapidamente para que a situação possa desescalar. A China se dispôs a manter contato com o lado indiano através de canais diplomáticos e militares.

Por sua vez, Jaishankar observou que o lado indiano

no “não quer que as tensões aumentem nas áreas fronteiriças. A política da Índia em relação à China não mudou. O lado indiano acredita que a política da China em relação à Índia também não mudou”.

Jaishankar disse que o lado indiano não considera que o desenvolvimento das relações Índia-China dependa da resolução da questão da fronteira.

“As relações Índia-China fizeram progressos constantes ao longo dos anos, e os líderes dos dois países se reuniram várias vezes e chegaram a uma série de importantes consensos sobre o desenvolvimento das relações bilaterais”, disse o chanceler indiano.

Os dois lados chegaram a um consenso de cinco pontos em relação à situação atual após a conversa.

Em 1962, os dois países chegaram a travar uma guerra nessa mesma região. Hoje, os países participam junto dos BRICS, da Organização do Tratado de Shangai e do RIC. Além disso, a China é o segundo maior parceiro comercial da Índia.

Apoiadores de Trump mentem para culpar manifestantes pelo fogo na Costa Oeste

Com cinco milhões de acres destruídos pelo fogo na costa oeste dos EUA, fumaça laranja tóxica que se estende de Los Angeles a Vancouver, 35 mortos, dezenas de milhares de desabrigados e centenas de milhares mais ameaçados, e milhares de casas queimadas, os incêndios florestais descontrolados em curso nos EUA desde agosto se tornaram pretexto para que grupos de ódio espalhassem boatos nazistas de que os fogos são provocados por manifestantes oposicionistas ao presidente bilionário.

Os boatos começaram nos esgotos das redes digitais de ódio, entre os fanáticos da seita QAnon, para serem repercutidos abertamente por republicanos, milicianos e a rapaziada da Klan.

Situação que chegou ao ponto de o FBI em Portland, a principal cidade do estado de Oregon, ter de vir a público desmentir os boatos, assim como xerifes das áreas afetadas.

Em vários locais, moradores começaram a se recusar a deixar suas casas, em meio ao risco de serem carbonizados, diante da onda de fake news sobre incêndios provocados e saques de residências.

“São falsos os relatos de que extremistas estão causando incêndios florestais no Oregon”, reiterou o FBI. O porta-voz do Facebook, Andy Stone, anunciou que a plataforma agirá para remover as cruéis falsidades.

A boataria de que os antifas – movimento antifascista – causaram os incêndios começou quando a conta anônima por trás da QAnon postou um link para um tweet de Paul Joseph Ro-



Incêndios florestais descontrolados ocorrem em três Estados, Califórnia, Oregon e Washington

mero Jr., um ex-candidato republicano ao Senado dos EUA por Oregon, alegando que o Gabinete do Xerife do Condado de Douglas tinha seis “incendiários” Antifa sob custódia.

A postagem de “Q” foi publicada no 8Kun, um sucessor do fórum de mensagens 8chan, onde os usuários costumavam postar conteúdo de ódio. Em 2019, o 8chan foi associado a pelo menos três atrocidades, incluindo o massacre de El Paso, Texas, que deixou 23 hispânicos mortos.

No post que incluía o tweet de Romero, “Q” atribuía os incêndios a “terrorismo doméstico altamente coordenado”. No início do ano, Trump andou ameaçando rotular o movimento antifa de ‘organização terrorista’, na tentativa de estigmatizar os manifestantes contra o racismo e a impunidade.

O QAnon é um movimento de simpatizantes de Trump, que o conside-

ram o herói que irá deter a conspiração de “reptilíneos adoradores de Sata” com “integrantes do Estado Profundo, democratas e Hollywood” para difundir “a pedofilia e o canibalismo”.

No Facebook, o gabinete do xerife do Condado de Douglas pediu à população para não ser levada pela onda de desinformação, e exortou: “Faça a sua parte. PARE DE ESPALHAR RUMORES”.

“Os boatos se espalharam como um incêndio”, alertou o xerife em postagem na quinta-feira, acrescentando que sua equipe havia sido “sobrecarregada com pedidos de informações e investigações sobre um boato FALSO de que 6 membros da Antifa foram presos por atear fogo” na área.

E conhecida a atração dos anormais nazistas por encenações com fogo, como marcha de tochas, e operações de bandeira trocada, como o célebre incêndio do Reichstag. Leia mais no site www.horadopovo.com.br

Mesmo sabendo do perigo do novo coronavírus para a população, Trump disse repetidamente aos norte-americanos, nas primeiras semanas de 2020, que o Covid-19 “desapareceria” sozinho

“Eu sempre quis minimizar [a gravidade da pandemia]”, disse Trump ao jornalista Bob Woodward, em 19 de março. Foi esse o jornalista que, na década de 1970, quando era repórter investigativo do Washington Post, junto com seu colega Carl Bernstein, desempenharam um papel fundamental na exposição do escândalo Watergate, que levou à renúncia do presidente Richard Nixon, em 1974.

A declaração de Trump, sob o intento de minimizar o perigo da pandemia, foi gravada e o áudio disponibilizado no site da emissora CNN. “Ainda gosto de minimizá-la, porque não quero criar pânico”, assinalou então Trump.

Em uma série de entrevistas ao jornalista norte-americano reconheceu que tinha consciência da gravidade do Covid-19 antes do vírus transformar o país no epicentro da pandemia, mas decidiu esconder essa informação da população “para não criar pânico”.

CONFISSÕES

As confissões de Trump estão no novo livro de Woodward, intitulado Rage, que está programado para ser lançado em 15 de setembro, e foram divulgadas na quarta-feira (09) pelo jornal The Washington Post e a rede CNN, que tiveram acesso antecipado à obra.

“Vai pelo ar. Isso é sempre mais difícil do que por toque. Você não precisa tocar nas coisas. Certo? Mas o ar, você apenas respira o ar, e é assim que ele é transmitido. E então isso é muito complicado”, disse, acrescentando que a doença é muito mais mortal do que a gripe comum. “Isso é algo mortal”, repetiu, dando ênfase, e mostrando que já no início de fevereiro, Trump estava ciente de como o coronavírus é transmitido, embora tenha rejeitado o uso da máscara durante meses a fio.

Mesmo sabendo do perigo do vírus para a população e conhecendo detalhes do problema, sem qualquer preocupação com a perda de vidas, disse repetidamente aos norte-americanos, durante as primeiras semanas no início de 2020, que o Covid-19 não precisava de cuidados e “desapareceria” sozinho. Somente em meados de julho, Trump usou máscara em público pela primeira vez.

18 ENTREVISTAS

O livro Rage foi escrito com base em 18 entrevistas de Woodward com Trump, entre dezembro de 2019 e julho de 2020, algumas pessoalmente, outras por telefone. A poucas semanas das eleições presidenciais de 3 de novembro nos Estados Unidos, a obra pode influenciar negativamente o eleitorado. No momento atual, pesquisas de opinião mostram que a atuação do governo em relação ao coronavírus é uma das principais questões que pesam contra o candidato Trump. Cerca de dois terços dos americanos desaprovam sua gestão da crise do coronavírus, por conta dele minimizar a gravidade da pandemia para tentar aumentar suas chances de reeleição. Isso sem ainda ser conhecida a farsa dessa sua postura que está escancarada no livro.

“O fato é que eu amo este país, eu sou um líder de torcida por este país, e não quero que as pessoas fiquem assustadas”, declarou Trump na quarta-feira (9), em coletiva de imprensa na Casa Branca, quando foi instado a se referir à Rage. Justificou que, se ele minimizou a crise, foi para evitar um “frenesi”. “Eu

não vou conduzir este país ou o mundo à loucura”, acrescentou. “Nós precisamos mostrar liderança, e a última coisa que você quer fazer é criar pânico”, falou, deixando no ar que o que interessa é a próxima eleição.

A secretária de imprensa, Kayleigh McEnany, insistiu que o presidente não mentiu, mas intencionalmente não mencionou a gravidade da pandemia no país. “Este presidente faz o que os líderes fazem, bons líderes. Mas o presidente nunca mentiu para o público americano sobre a Covid-19”, repetiu.

“Ele mentiu ao povo americano. Ele mentiu intencionalmente e de bom grado sobre a ameaça que isso representava ao país, durante meses. Ele sabia quão mortal era [o vírus]”, afirmou o candidato democrata à Casa Branca, Joe Biden, durante ato de campanha no estado de Michigan. “Foi uma traição de vida e morte ao povo americano”, assinalou.

Os Estados Unidos são o país mais atingido pelo Covid-19, com mais de 6,38 milhões de casos e 191.444 mortos, na quinta-feira, 10, segundo registro da Universidade John Hopkins.

Em fevereiro Trump disse que o coronavírus poderia ir embora em abril “com o calor” do verão. Em março, ele falou em um “tremendo controle do governo sobre” a situação e prometeu: “Isso vai passar. Apenas fiquem calmos.” E comparou o coronavírus à gripe comum (qualquer semelhança com a ‘gripezinha’ de seu admirador, Bolsonaro, não é mera coincidência), que segundo ele mata “entre 27 mil e 70 mil pessoas por ano”, e ainda assim “nada é fechado, vida e economia continuam”. Mas, em privado, dizia que o vírus era “até cinco vezes mais mortal”. “Também é uma doença muito traiçoeira. Muito delicada. Muito mais mortal do que a gripe mais forte”, afirmou a Woodward, de acordo com cópias obtidas do novo livro do jornalista.

MILITARES

O livro de Woodward inclui comentários depreciativos sobre os militares e os veteranos dos EUA. James Mattis, que foi secretário da Defesa nos dois primeiros anos da presidência de Trump, disse que escutou Trump dizer numa reunião: “Meus malditos generais são um montão de covardes”, porque lhes importavam mais as alianças do que os acordos comerciais.

E Trump criticou os oficiais militares frente a Woodward pela opinião deles de que as alianças com a OTAN e Coreia do Sul são as melhores que os EUA realizam. “Não diria que são estúpidos, porque nunca diria isso de nossos militares”, desconversou Trump. “Porém, se disseram isso... quem for que tenha dito isso, foi uma estupidez. É uma aliança horrível... ganham tanto dinheiro. Custam nos US\$ 10 bilhões. Custom-nos tontos”.

O Dr. Anthony Fauci, principal especialista em doenças infecciosas do governo, é citado no texto dizendo que a liderança de Trump “não tem rumo” e que sua capacidade de atenção “é como um número negativo”. “Seu único propósito é ser reeleito”, disse ele a um colaborador, segundo Woodward.

Rage é uma continuação de Fear (Medo), o livro mais vendido de Woodward em 2018 – 750.000 cópias -, que retratava uma Casa Branca caótica em que seus assessores escondiam papéis de Trump para proteger o país do que consideravam seus impulsos mais perigosos.

Brás Cubas, Quincas Borba e o Espelho do senhor de escravos (2)

Continuação da edição anterior

Abaixo, reproduzimos o Capítulo XIV da biografia de Machado de Assis, de Lucia Miguel Pereira – **Machado de Assis (Estudo Crítico e Biográfico)** -, publicada em 1936 pela Companhia Editora Nacional.

Este capítulo examina o início da segunda fase da obra de Machado, que tem como marco as “**Memórias Póstumas de Brás Cubas**”, publicadas a partir de 1880 (em livro, 1881).

Ao final de 1878, Machado entrou em grave crise de saúde – e, nas palavras de sua biógrafa, “desânimo”.

“... não melhorando, Machado viu-se obrigado a pedir em dezembro três meses de licença [na Secretaria de Agricultura, onde era funcionário].

“Saíram então do Rio, ele e Carolina, indo para Nova Friburgo, o lugar que sempre escolheram para descansar.

(...) “la doente e abatido. Interrompia os hábitos de trabalho e de convivência intelectual.

“Um ano antes, por ocasião do falecimento de Alencar, havia combinado com Octaviano, Taunay e mais alguns, a fundação de um Centro Literário que teria por patrono o morto ilustre. Falhou a tentativa, mas o espírito associativo nem por isso diminuiu em Machado.

“As livrarias, as capelas literárias, os pequenos cenáculos eram o seu ambiente natural. Nunca concebera a existência sem o contato diário e forçado das cidades, sem o espetáculo da vida dos outros, sem as conversas, sem as novidades quotidianas.

“E, de repente, teve de se separar de tudo isso e se meter sozinho com Carolina, num lugarejo perdido nas montanhas.

“Como teria reagido à solidão o seu espírito deprimido pela moléstia?

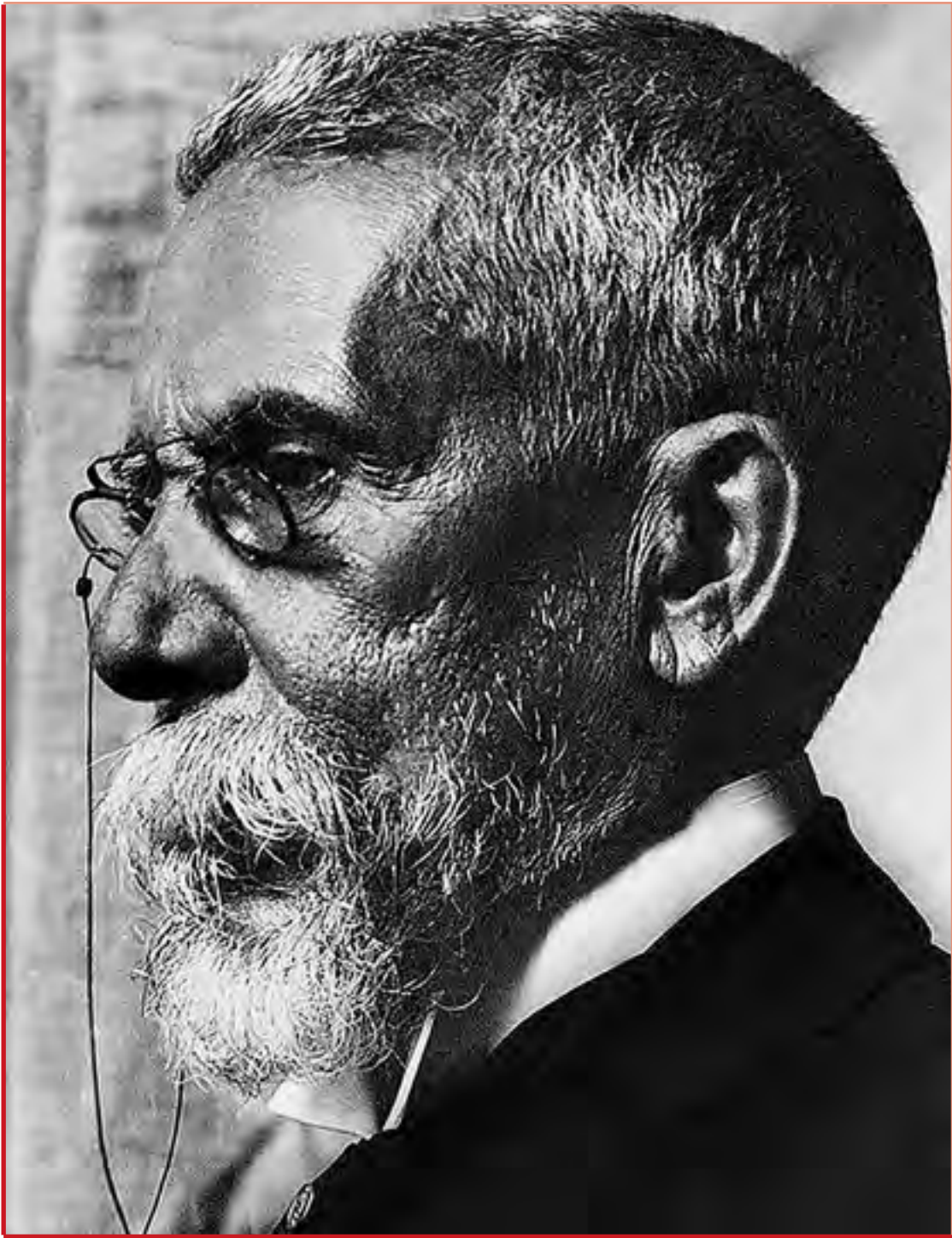
“Esse retiro forçado parece ter sido de grande importância na sua vida. Entre **Iaiá Garcia** e as **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, entre o romancista medíocre e o grande romancista, existiu apenas isso: seis meses de doença, de outubro de 1878 a março de 1879, três dos quais passados na roça.

(...) “Três meses passaram eles em Nova Friburgo, três meses durante os quais se restabeleceu a saúde de Machado de Assis, e se robusteceu o seu talento de romancista, encontrando afinal o filão riquíssimo da sua verdadeira inspiração. Sem dúvida, a evolução já se vinha lentamente esboçando, mas a doença e o recolhimento a apressaram e a aprofundaram.

“Meses de meditação, de retiro, de sofrimento, mas também de doce intimidade de alma com Carolina, de descanso do corpo, de preparação para a grande fase da sua carreira” (cf. Lucia Miguel Pereira, **Machado de Assis, Estudo Crítico e Biográfico**, Nacional, S. Paulo, 1936, pp. 188-195).

É essa nova fase – que revela um romancista e um contista de gênio, dos maiores da história mundial da literatura – que a biógrafa aborda, no capítulo que agora oferecemos aos nossos leitores.

C.L.



Machado de Assis em 1904 (foto: Arquivo Nacional)

vida. Tal na de D. Plácida.

“Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando a missa, viu entrar a dama que devia ser sua colaboradora na vida de D. Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxúrias vadias nasceu D. Plácida. É de crer que D. Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores dos seus dias: — Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia”.

Brás Cubas descobre outro fim para a vida de D. Plácida: servir aos seus amores com Virgília, tomando conta da casa da Gamboa.

Mas esses amores tiveram algum sentido? Deram aos dois amantes alguns momentos de gozo, e desapareceram sem deixar maiores vestígios na vida de ambos.

Virgília nascera, sem dúvida, para ser bela um momento, trair o primeiro noivo com o futuro marido, e este com aquele, quase sem perceber o que fazia, num amoralismo ingênuo, e depois envelhecer e morrer como vivera, sem perceber que há, para catalogar as ações humanas, um código do bem e do mal.

E Brás Cubas? Este, se fizesse a seus pais a mesma pergunta de D. Plácida, ouviria certamente que viera ao mundo para judiar com os escravos, ser explorado por Marcela, fazer sofrer a pobre Eugênia, trair o marido de Virgília, fazer algumas reflexões cínicas sobre a vida, e retirar-se “tarde e aborrecido do espetáculo”.

Então para que haverem nascido? Para obedecerem a uma força “que não é somente a vida, mas também a morte”, a natureza implacável, cuja lei é o egoísmo.

Para ela, o indivíduo não vale nada, é um minuto apenas, minuto passageiro mas indispensável ao tempo eterno.

Faz surgir o homem para colaborar “na obra misteriosa com que entretém a necessidade da vida e a melancolia do desamparo”.

E, para prendê-lo ao seu destino, dá-lhe o amor da existência, mesmo miserável e a grande volúpia de tentar “decifrar a eternidade”.

Só isto resta ao homem, e mais um último bem, vingança suprema: a capacidade de se rir dos seus tormentos.

É o que fazem Brás Cubas e seu criador, procurando a comédia da existência cotidiana dentro da tragédia dos fins últimos, ridicularizando pela mesquinhez do fato diário essa vida de que a deusa monstruosa não o deixa dispor a seu contento.

Continua no site

O Criador

LUCIA MIGUEL PEREIRA

Oliveira Lima, que conheceu de perto Machado de Assis, diz que o **Brás Cubas** é uma “fotografia da sua alma”¹. Talvez fosse mais preciso dizer espelho da sua visão do mundo.

A Mário de Alencar, que lhe perguntou um dia como, depois de ter escrito **Helena**, pôde ele escrever o **Brás Cubas**, explicou o romancista que se modificara porque perdera todas as ilusões sobre os homens².

Depois da crise por que passou em 79, já não os via com os mesmos olhos, com os olhos afeitos ao aspecto convencional, mas com a visão interior, implacável e penetrante. Através das palavras polidas, via o sentimento egoísta ou cínico, através do sorriso a dureza do coração. O véu da hipocrisia rasgou-se diante dele. A sua vocação de romancista se realizava plenamente, a um tempo tormento e delícia. Tormento de não poder crer nas criaturas, de lhes perceber todos os cálculos, todas as espertezas, mas delícia, delícia suprema de apreciar o jogo dos sentimentos, de ver como nascem e morrem as paixões, de ser o espectador que aprecia a um tempo a plateia e os bastidores.

Desse tormento e dessa delícia nasceu o seu humorismo, fruto da simpatia humana aliada ao pendor crítico, da piedade jungida à lucidez, da ternura unida à inteligência. Ao lado do coração que se compadecia, o espírito que buscava explicações, que observava friamente as reações.

Muito mais do que a influência dos ingleses, foi esse dualismo, essa dissociação que levou Machado ao cultivo do *humour*.

Qualquer psicólogo, dotado de grande visão de conjunto, sem prejuízo da observação minuciosa e que não possua nenhuma inclinação mística cairá quase fatalmente no humorismo. Porque, observada em si mesma, a agitação humana tem uma aparência de inutilidade

que a torna burlesca.

Foi essa sensação de falta de sentido da vida, aliada a um sentimento de compaixão pelos vãos esforços dos homens que fez de Machado de Assis o grande romancista e o grande humorista que se revelou no **Brás Cubas**.

A língua não teve nisso a menor influência; expressões humoristas, já as havia nos livros anteriores. Em **Iaiá Garcia**, falando de um homem que morrera sem testamento, e com isso pregara uma peça a um amigo, acrescenta: “Os aneurismas têm dessas perfídias inopináveis”.

No mesmo livro, uma senhora insiste com um viúvo para que se case. Este se escusava, dizendo que não — “Não tinha vocação para o casamento”.

— “Foi por isso que enviuvou?” indaga a interlocutora.

Em 1876 uma questão apaixonou a opinião pública: a da livre concorrência ou do monopólio no comércio da carne. Toda a imprensa a discutia gravemente, acaloradamente.

No meio de tudo isso Machado pensou no boi que “veio, estacou as pernas, agitou a cauda e olhou fixamente para a opinião publica... Vendo o boi a fitá-la, a opinião estremeceu; estremeceu e perguntou o que queria. Não tendo o boi o uso da palavra, olhou melancolicamente para a vaca; a vaca olhou para Minas, Minas olhou para o Paraná; o Paraná olhou para a sua questão de limites; a questão de limites olhou para o alvará de 1749, o alvará olhou para a opinião pública; a opinião olhou para o boi, o qual olhou para a vaca, a vaca olhou para Minas, e assim iríamos até a consumação dos séculos”³.

Não é preciso alongar os exemplos; por estes vê-se bem que Machado, antes do Brás Cubas, já possuía a técnica do *humour* — o gosto dos contrastes, o inesperado das situações, a capacidade de fixar a comédia humana. O que lhe faltava era a piedade pelos homens, uma piedade irônica e indulgente,

que só mais tarde lhe veio, quando descobriu que a vida não tinha sentido.

Embora já dispusesse de recursos humoristas, não foi humorista na mocidade quando a ambição traçava um roteiro à sua existência, quando o contato com homens de ação o fez tentar o jornalismo político e a necessidade de ganhar o pão o mantinha numa atividade trepidante.

Depois que conseguiu subir, que a Secretaria lhe assegurou o sustento e a pacata vida familiar lhe permitiu maiores lazeres, viu talvez que a coisa não valia tantos esforços, e sobretudo, observando os outros, percebeu o vazio da agitação humana.

E então se fez humorista, e compôs o **Brás Cubas**, a história de um homem “que andou à roda da vida”, escrevendo-o, “com a pena da galhofa e a tinta da melancolia”.

Também ele, como seu herói, era “um defunto autor, para quem a campa fora outro berço” porque nasceu das cinzas das ilusões perdidas.

Quem era, afinal, esse Brás Cubas?

O primeiro dos tipos mórbidos em que Machado extravasou as próprias esquisitices de nevropata.

Uma natureza complexa, cheia de contradições, ambicioso e retraído, vaidoso e displicente, apaixonado e indiferente. Sua alma “foi um tablado em que se deram peças de todo gênero, o drama sacro, o austero, o piegas, a comédia louçã, a desgrehnada farsa, os autos, as bufonérias”.

E ele, como que num desdobramento da personalidade, assistia a todas essas peças, via-se viver. E com isso gastou os seus dias todos, numa auto-análise dissolvente e empolgante.

Um introvertido completo, que o contato com a realidade machucava: “Creiam-me, o menos mau, é recordar; ninguém se fie na felicidade presente; há nela uma gota de baba de Caim”. Mas vingava-se da sua incapacidade para viver, mofando do mundo com “um prazer satânico”.

Sem dúvida eram, todas essas, sensações que Machado experimentava, mas embriariamente, pois reagiu contra elas na vida, só as deixando espriarem-se nos livros. É que em Machado, o espírito doentio era compensado pelo coração bem formado.

Em Brás Cubas, ao contrário, tudo foi contaminado.

O sadismo, que no romancista era um pendor puramente intelectual, foi reforçado no seu herói pela educação.

Narrando-lhe a primeira infância, Machado de Assis, tão acusado de se haver alheado aos grandes problemas do seu tempo, traçou sem digressões, sem palavras difíceis, a crítica da organização servil e familiar de então. Mostrou o mal que fez a escravidão a brancos e negros. Sem o moleque Prudêncio para lhe servir de cavalo, sem as pretas para alvos passivos das suas judiarias, sem os costumes relaxados que a promiscuidade das escravas com os sinhô-moços facilitavam, o Brás Cubas não teria sido o que foi.

A vaidade do menino foi também cultivada pela beata admiração dos pais. Tudo contribuiu para fazer dele um perfeito egoísta.

Brás Cubas foi o resultado do meio e da educação viciada agindo sobre um temperamento mórbido.

Quando se pôs rapaz, os sentidos o dominaram. Adolescente, a revelação do amor foi como “o primeiro sol, a bater de chapa na face de um mundo em flor”.

Rico, de boa gente, teve todas as facilidades, todos os prazeres. E porque teve tudo, mas não se deixou empolgar por coisa alguma, cedo conheceu o tédio “esta flor amarela, solitária e mórbida, de um cheiro penetrante e sutil”.

O tédio, irmão do ceticismo, o tédio do herói e do autor é a personagem central do livro.

Nada conduz a nada. Para que viver? Mas então aparece uma volúpia nova: “A volúpia do aborrecimento”. E a falta de sentido da vida dá a vontade de se “debruçar sobre o abismo do Inexplicável”.

Nesse plano, Brás Cubas e Machado se confundem.

Os sucessos do livro vão se arrastando, vêm e passam sem significar cousa alguma. São casos fortuitos, meros episódios.

A própria Virgília, a Virgília de braços tentadores, podia não ter existido, e o seu amante seria o mesmo enfasiado e curioso Brás Cubas.

Tudo é secundário, o essencial é apenas essa interrogação: para que viver? E o prazer satânico de sentir a inanimidade de tudo.

O homem é um brinquete na mão do destino, não dirige os acontecimentos da sua existência. Tudo depende da oportunidade. Por que ter sido o Brás Cubas preterido pelo rival, em noivo, e amado por Virgília, depois de casada? Por que ter acabado pelo enfado o seu amor? Porque o homem não é uma unidade, mas “uma errata pensante” sempre a se modificar sem saber como nem para quê.

Caminhando às cegas, entre tantos mistérios que o cercam, só uma cousa lhe resta: a “afirmação desdenhosa da sua liberdade espiritual”, a capacidade de se rir com um riso gelado e irônico, do absurdo da vida.

É o que fazem Cubas e Machado, entre dois bocejos de tédio.

Colocam-se fora da vida, a analisá-la, a criticá-la com o “incomensurável desdém dos finados”.

Desdém que os leva a zombar do leitor, a parar de repente quando iam explicar melhor o seu ponto de vista, a “pagar-lhe com um piparote” quando não lhes percebe a intenção oculta.

Dizem e se desdizem, voltam atrás, falam por meias palavras, com cautelas de quem não quer contar a história toda, corrigem o que avançam pelas reticências, obrigam a ler nas entrelinhas, e riem silenciosamente o seu “riso filosófico, desinteressado, superior” imaginando o embaraço do leitor.

Algumas vezes, porém, numa figura secundária, Machado de Assis expõe sem reboços a sua concepção da